

2019

SETEMBRO

04
A
06



II ENCONTRO DO GT DE FILOSOFIA E GÊNERO DA ANPOF

CADERNO DE RESUMOS

Organização:

Profa. Dra. Silvana de Souza Ramos (USP)

Conjunto Didático de Filosofia e Ciências Sociais - Departamento de Filosofia - USP

Rua Prof. Luciano Gualberto, 315 - Cidade Universitária - São Paulo - SP

Informações: filosofia.fflch.usp.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Prof.a Dr.a Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Reitor: Prof. Dr. Paulo Martins

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Chefe: Prof. Dr. Oliver Tolle

Vice-chefe: Prof. Dr. Luiz Sérgio Repa

COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira

Prof. Dr. Maurício Cardoso Keinert

COORDENAÇÃO DE PÓS-DOCTORADO

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

Prof. Dr. Maurício Cardoso Keinert (PET)

COMISSÃO EXECUTIVA DO EVENTO:

Grupo de Trabalho de Filosofia e Gênero da Anpof

Grupo de Estudos de Política e Subjetividades (GEPS - DF/USP)

Coordenação: Prof. Dra. Silvana de Souza Ramos

EQUIPE ORGANIZADORA

Carolina Antoniazzi

Clêmie Blaud

Daniele Cardoso

Diogo Francisco de Oliveira

Elizete Vaughan

Lis Macêdo Barros

Luana Alves

Lucas Bittencourt

Lucas Paolo Vilalta

Manoel Coracy Dias

Mariana Di Stella Piazzolla

Mario Marino

Matheus Campanello da Silva

Melissa Tami Otsuka

Rafaela Rodrigues

Ricardo Polidoro

Victor Frolich

AGRADECIMENTOS

O GT de Filosofia e Gênero da Anpof foi criado em 2016, por ocasião do XVII Encontro da Anpof, na UFS, em Aracaju, sob a coordenação de Susana de Castro Amaral Vieira. Naquele momento, já nos parecia urgente a necessidade de criar um Grupo de Trabalho a respeito das articulações entre filosofia e gênero, principalmente porque havia um déficit de iniciativas desse tipo em nossa área de atuação acadêmica. Naquele mesmo evento, houve também a divulgação da pesquisa quantitativa feita por Carolina Araújo, dando ciência do percentual de mulheres nos cursos de filosofia no Brasil e confirmando o que já era possível perceber empiricamente: é baixíssima a presença de mulheres na filosofia (não contabilizamos sequer 30% do número total de pesquisadores no nível da Pós-Graduação). Nesse contexto, a criação do GT Filosofia e Gênero foi uma vitória para todas, todos e todes que pressentiam a gravidade do problema. A criação desse grupo tornou-se, assim, uma oportunidade de discutir as desigualdades, não apenas de gênero, mas também de raça e de classe, as quais permeiam nosso trabalho, e de propor ações tendo em vista a dissolução de determinadas práticas opressivas.

O GT de Filosofia e Gênero atua tendo em seu horizonte o intuito de fomentar a pesquisa filosófica, e de instituir ações coletivas capazes de transformar nossas práticas institucionais. Foi com esse espírito que, em 2017, foi realizado o I Encontro do GT de Filosofia e Gênero, no Rio de Janeiro. Tratava-se de reunir pesquisadoras e pesquisadores visando o delineamento de possíveis campos nos quais questões teóricas e práticas poderiam ser postas, problematizadas e discutidas. O I Encontro contou com a participação de dezenas de pesquisadores e pesquisadoras dos PPGs de diferentes regiões do país. Ainda em 2017, como parte das ações em busca de reduzir a desigualdade de gênero no campo da Filosofia, o GT divulgou uma carta-manifesto sobre a representação da área de Filosofia na Capes (<http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/forum-anpof/item/498-debate-sobre-a-coordenacao-de-area-da-capes-2017/14847-carta-do-gt-filosofia-e-genero-sobre-a-representacao-na-capes>) por meio da qual procurou expressar suas preocupações com o destino da pesquisa em Filosofia em nosso país. Em 2018, o GT de Filosofia e Gênero recebeu um número recorde de inscrições para apresentação de trabalhos no XVIII Encontro da Anpof, na UFES, em Vitória. Ao longo do evento,

discutimos os trabalhos apresentados e oferecemos dois cursos de formação aos participantes do Encontro. Além disso, organizamos uma “Homenagem às Filósofas Brasileiras” e uma “Plenária Aberta: as Mulheres e a Filosofia”. A experiência desse Encontro nos levou à escrita de outro documento, dirigido à comunidade de pesquisadores e pesquisadoras da área, onde sugerimos à CAPES diretrizes para a prevenção e o combate ao assédio moral e ao assédio sexual nos PPGs em Filosofia do país

([http://www.anpof.org/portal/images/Manifesta%C3%A7%C3%A3o de Apoio e Diretrizes vers%C3%A3o final 2.pdf](http://www.anpof.org/portal/images/Manifesta%C3%A7%C3%A3o_de_Apoio_e_Diretrizes_vers%C3%A3o_final_2.pdf)).

O II Encontro do GT de Filosofia e Gênero, em 2019, na USP, em São Paulo, ao reunir novamente os núcleos de apoio e de sustentação do grupo, além de pesquisas afinadas ao trabalho desenvolvido por ele, pretende dar continuidade a todo esse trabalho desenvolvido até agora. Agradecemos enormemente a todos, todas e todes que se inscreveram no evento, às instituições de fomento que forneceram financiamento para sua realização, especialmente a CAPES por meio do Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP/CAPES), ao Grupo de Estudos de Política e Subjetividades (GEPS – DF/USP), pelo engajamento na organização, ao Departamento de Filosofia da USP, que acolhe e colabora para a sua realização, e a todos, todas e todes estudantes, professores e professoras que estão conosco nessa semana.

Desejamos a todos, todas e todes, um excelente evento,

Grupo de Trabalho de Filosofia e Gênero da Anpof

Coordenação:

Silvana de Souza Ramos (USP)

Janyne Sattler (UFSC)

II ENCONTRO DO GT DE FILOSOFIA E GÊNERO DA ANPOF

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

MESAS DE COMUNICAÇÃO

Quarta-feira (04/09/2019)

MESA – Feminismo / Marx

(Sala 107 – 09:00 - 10:50)

Coordenadora: Carolina Bernardini Antoniazzi (USP)

Alice de Barros Gabriel (IFG / UNB)

Título: Feminismos materiais como resposta ao cercamento

Resumo: Jane Bennet em *Vibrant Matter* apresenta dois projetos que se conectam: um filosófico e outro político. O projeto filosófico expõe algo que é inerente a modernidade - a caracterização da matéria como inerte, oposta a nós, que estamos vivos e temos agência. O projeto político envolve pensar que diferença faria no nosso modo de vida se agíssemos como se as coisas fossem actantes. Com Silvia Federici, outra dimensão deste problema se descortina: em *Calibã e a Bruxa*, a autora nos apresenta a relevância dos cercamentos de terras comuns para o processo de acumulação “primitiva”. Pode-se afirmar que aquilo que é cercado, disposto, é comandável. Assim o cercamento produz a passividade da matéria: o mundo se desencanta. O presente trabalho buscará compreender como o feminismo material de Jane Bennet representa uma alternativa política, ética e ecológica à ontologia ao cercamento descrito por Silvia Federici.

Leticia Galan Garducci (UERJ)

Título: Feminismo e marxismo na contemporaneidade: as diferentes abordagens em Thiti Bhattacharya, Silvia Federici e Roswitha Scholz

Resumo: O presente trabalho propõe levantar as principais convergências e divergências no pensamento de Thiti Bhattacharya, Silvia Federici e Roswitha Scholz a fim de se contribuir para um retrato da discussão contemporânea do feminismo no âmbito do marxismo. A escolha de referidas pensadoras se dá por operarem categorias como trabalho abstrato e valor a partir de Marx e despontarem como principais representantes de searas que tomam relevância na atual discussão do feminismo marxista: enquanto Bhattacharya provém da Teoria da Reprodução Social e advoga por uma teoria unitária, o pensamento de Federici tem origem na campanha Salários Para o Trabalho Doméstico dos anos 1970 e passa pela questão da acumulação primitiva do capital para se pensar a opressão de gênero. Scholwz, por sua vez, foi integrante do grupo Krisis

(Manifesto contra o trabalho) e traça uma análise da correlação entre capitalismo e patriarcado a partir do processo de valorização do capital e da concepção de trabalho abstrato em Marx – tendo elaborado a chamada teoria da dissociação do valor. Assim, a partir da abordagem destas diferentes searas, pretende-se contribuir para um panorama do pensamento feminista marxista atual.

Melissa Tami Otsuka (USP)

Título: Acumulação primitiva e o controle dos corpos das mulheres: um diálogo entre Federici e Beauvoir

Resumo: A presente comunicação busca analisar o pensamento de Silvia Federici, “O calibã e as bruxas” (2004) em diálogo com “O Segundo Sexo” (1949), de Simone de Beauvoir. De maneiras distintas, ao buscar compreender as origens da opressão da mulher, ambas realizam uma análise a partir da investigação da primeira fase do desenvolvimento capitalista, evocando as culturas comunais ameaçadas pela colonização europeia. O pensamento de Federici e Beauvoir se complementam nas análises acerca de como se deu a passagem – não evolutiva – do feudalismo para o capitalismo, que abarcou uma violenta expulsão dos servos e camponeses da terra, para a sua transformação em proletários, bem como a fuga e perseguição das mulheres, consideradas bruxas. Em nome do progresso moderno, impera um ideal de supremacia, do Homem para com a Natureza, do privado sobre o comum, um Outro que resulta de uma relação de dominação. Dessa forma, pretendemos esboçar um possível diálogo entre Federici e Beauvoir, e compreender, a partir de suas obras, como a divisão sexual do trabalho foi fundamental na passagem do feudalismo para o capitalismo.

Tábata Berg (UNICAMP)

Título: Fazer-se humana: à luz do ser-outra

Resumo: O objetivo desta proposta é arriscar uma virada epistemológica feminista da ontológica marxista fundamentando-se nas críticas de Simone de Beauvoir e Angela Davis ao ser universal enquanto transsubstanciação do Homem. A intenção é combinar as duas críticas: enquanto na primeira, a ser-outra é desvendada em sua alteridade absoluta contraposta ao sujeito universal; na segunda, a universalidade da condição feminina é radicalmente desafiada por Angela Davis. A ontologia, enquanto teoria do ser, tem sido objeto quase que exclusivo de pensadores homens; salvaguardada raras exceções, como Teresa D’Ávila e Simone de Beauvoir. No que tange a ontologia marxista, embora haja contribuições riquíssimas tal como em Heleith saffioti, a tradição é essencialmente enraizada nas obras de Marx e Lukács. Não é meu intuito, todavia, abdicar da tradição – a pretensa universalidade e a inclinação deliberada ao verdadeiro que lhes são intrínsecas são motores ao motim [ou seria revolução?] da racionalidade feminina [e não em oposição à sensibilidade] que quer constituir-se de modo autônomo enquanto alteridade reconhecida –, mas ensaiar uma destruição positiva no sentido heideggeriano a partir das teorias femininas.

MESA – Feminismo hoje

(Sala 119 – 09:00 - 10:50)

Coordenadora: Janyne Sattler (UFSC)

Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman (UNB)

Título: Breves incursões sobre o sistema colonial de gênero

Resumo: O debate contemporâneo sobre as colonialidades engendradas pela Conquista da América e pelos Imperialismos dos séculos XIX e XX possibilitou que o campo de estudos de gênero e dos estudos feministas pudessem alargar suas reflexões teóricas para além do circunscrito projeto do movimento feminista branco eurocentrado. O feminismo negro estadunidense, o feminismo chicano e, inclusive, feministas brasileiras como Lélia González aportaram reflexões teóricas sobre a necessidade de se pensar a busca por igualdade de gênero por meio da justiça social, inscrevendo um feminismo radical a partir de concepções anticapitalistas, antirracistas e antipatriarcais. No entanto, devemos mais recentemente a teóricas como Oyèrónkë Oyěwùmí, María Lugones, Silvia Federici, Rita Segato, e muitas outras, novas compreensões sobre os efeitos de um sistema colonial de gênero gestado, inicialmente, no continente europeu na passagem do feudalismo para o capitalismo, e cuja condição de existência reside nas duas barbáries coloniais. A partir do trabalho das teóricas acima referidas, esta comunicação intenta apresentar algumas reflexões sobre as características desse sistema com o intuito de alargamos o olhar da teoria feminista contemporânea que busca abranger os outros 99 por cento.

Kessia Priscila Miranda Ramos e Matheus Guimarães de Barros (UFJF)

Título: Sobre a presunção política de identidade universal e a violência simbólica na teoria feminista hegemônica

Resumo: O presente trabalho objetiva questionar a especificidade da categoria mulheres como base universal da teoria feminista hegemônica, reconhecendo nessa pretensa identidade uma marca de dominação, já que desconsidera outros vieses de relações de poder, como raça, classe, orientação sexual, etc. Essa identidade unívoca, atacada pela filósofa Judith Butler e por feministas negras, como a filósofa Djamila Ribeiro, responde pela fixação de um padrão de opressão descontextualizado de cenários culturais concretos. Desse modo, é imposta de forma excludente, impedindo a multiplicidade de vozes e contribuindo para promover a hierarquização entre sujeitos que, em tese, deveria emancipar. Assim sendo, teoriza-se a possível conservação de traços de violência simbólica, tal como definida por Pierre Bourdieu, no interior desse pensamento feminista. Esta cogitação advém do entendimento que a prática de estabelecimento de uma identidade única para fins de ação política efetiva e, com isso, o afastamento da possibilidade de sua fragmentação por feminismos plurais, decorre da inculcação ou familiarização por vezes imperceptível de uma categoria que, em si, representa nova forma de sujeição.

MESA – Democracia hoje

(Sala 14 – 08:30 - 10:20)

Coordenadora: Silvana de Souza Ramos (USP)

Beatriz Zampieri Espindola (PPGF / UFRJ)

Título: Stasis grega e a cidade dividida: luto, esquecimento e memória para uma teoria da Guerra Civil

Resumo: “Uma análise do problema da guerra civil [...] na Grécia clássica não pode deixar de começar pelos estudos de Nicole Loraux”. É nesses termos que Giorgio Agamben aponta, no terceiro livro da série Homo Sacer “Stasis: a Guerra Civil como paradigma político”, elementos para a criação de uma teoria da Guerra Civil que dê conta do aparente paradoxo da despolitização da vida através da política na modernidade. A tarefa a que o autor se dedica, dando continuidade ao diagnóstico do estado de exceção como paradigma de governo, é demonstrar que, de maneira simultânea, a despolitização da cidade (pólis) corresponde à politização da família (oikos). A família é, nesses termos, condição de possibilidade à produção e manutenção dos conflitos deixados de fora da vida política da cidade. Nosso trabalho irá articular, através dessa chave conceitual, a hipótese de Loraux de que a cidade grega “mascara a si mesma” de seus processos internos, impondo a si determinadas políticas de memória, esquecimento e luto que fazem da Stasis grega um tipo de técnica de governo que redefine, a cada vez, o papel social das mulheres em formas de parentesco no cerne da cidade e que configuram, também, sua exclusão da vida política.

Gustavo Hessmann Dalaqua (USP)

Título: Que tipo de igualdade a democracia exige? María Zambrano contra Carl Schmitt

Resumo: O objetivo do trabalho é contrastar as concepções de democracia apresentadas nas obras A crise da democracia parlamentar (1926) de C. Schmitt e Pessoa e democracia (1956) de M. Zambrano. Ao passo que aquela afirma a igualdade democrática como homogeneidade que tende à supressão da diferença, esta compreende a igualdade democrática como unidade capaz de abrigar diferença interna. Segundo Schmitt, “a democracia requer, em primeiro lugar, homogeneidade e, em segundo lugar, a eliminação ou erradicação da heterogeneidade”.

Após explicar de que maneira tal concepção de democracia corrobora a visão schmittiana do político como campo de batalha entre “amigos” e “inimigos”, examinaremos a teoria democrática de Zambrano, filósofa que define a democracia como “sociedade na qual não só é permitido, mas exigido, o ser pessoa”. Como explicaremos, Zambrano associa “ser pessoa” com a capacidade

de guardar oposição crítica ao meio e de se singularizar perante os demais. Mais do que uma forma de governo na qual os dirigentes são eleitos pela maioria, a democracia para Zambrano denota uma forma de sociedade em que “a igualdade não é uniformidade” e na qual “a rica complexidade humana” é valorizada.

Ligia Pavan Baptista (UNB)

Título: Igualdade: Premissa do Pensamento Político Contratualista

Resumo: Tendo por objetivo definir a origem legítima do poder político a partir de detalhada análise da natureza humana por meio do artifício metodológico do estado de natureza, o pensamento contratualista/iluminista dos séculos XVII e XVIII, sobretudo expresso por Hobbes, Locke e Rousseau, introduz a premissa da igualdade a partir da constatação de que todos os seres humanos devem ser, por natureza, considerados livres e iguais. Nesse sentido, num primeiro momento, os autores contratualistas vinculam os princípios da igualdade ao princípio da liberdade, ou seja, a resposta para a questão inicial sobre a origem legítima do poder político, não poderia estar fundada em nenhum tipo de hierarquia inscrita na natureza, como seria até então apresentada pelas teorias patriarcalistas. A recusa radical do chamado "pátrio poder", conduz, num segundo momento, a filosofia política moderna a vincular o princípio da igualdade ao princípio da justiça, ou seja, tanto por meio do direito natural quanto pelo direito civil, uma vez instituído o Estado a partir de um contrato mútuo, o princípio da igualdade estaria garantido, tanto pela lei natural, quanto pela lei civil.

Magda Guadalupe dos Santos (PUC Minas/ FaE. UEMG)

Título: A herança de Beauvoir nos temas da corporeidade em MacKinnon e Butler

Resumo: As bases do pensamento de Simone de Beauvoir, para além da moldura histórica de suas formulações e críticas, podem referendar o sentido da corporeidade, buscado das teorias do “corpo vivido”, protagonizando novas vertentes teóricas que transitam da leitura feminista de Catharine MacKinnon a Judith Butler. No debate sobre a complexidade temática, em Butler evidencia-se como e quais os corpos que importam, inseparáveis das normas discursivas e sociais que regulam o processo de materialização de sign/ificados e submissão ao poder. MacKinnon, especialmente em *Are Women Human?* (2006), advoga a favor das mulheres violentadas e estupradas em massa na guerra do Kosovo, no início dos anos 1990, requerendo em ações civis de processos de Direito Internacional que tal violência alcançasse a conotação de genocídio, pelo seu impacto ético-político. Ao se questionar o alcance de cada teoria no momento histórico de sua produção, nos limites dos anos 1990, verifica-se que suas preocupações chegam até nós em novas pautas axiológicas, mas ainda como suposta herança beauvoiriana. Tal leitura pode ser tomada de fato como uma façanha irônica, mas também como um desafio e uma necessidade teórica nos tópicos feministas da atualidade.

MESA – Teoria crítica

(Sala 119 - 14:00 - 15:40)

Coordenadora: Larissa Drigo (USP)

Dilnéia Rochana Tavares do Couto (UEAP)

Título: Pluralismo Político Contemporâneo: “Mundo da Vida” como esfera de possibilidades

Resumo: A categoria do pluralismo no âmbito da filosofia política tem especial destaque nas filosofias feministas contemporâneas, embora a questão em diversos casos não seja abordada como tema central ela aparece como uma demanda tanto do ponto de vista analítico formal como da ação nos casos concretos. O objetivo deste trabalho é identificar tensões que emergem dos âmbitos do discurso e da ação como possibilidades de encontro e potenciais de superação dos déficits que implicam a dissociação entre a teoria e a prática do (s) feminismo (s) a partir da tese do "Mundo da Vida" empreendida pela teoria crítica. Trata-se, portanto, de um estudo que pretende encontrar pontos de inflexão que sejam capazes de se apresentar como horizonte analítico de um universalismo ancorado nos dilemas políticos concretos.

Lais da Silva Lima (UNICAMP)

Título: A concepção de self em Benhabib

Resumo: A concepção de self que emerge na era moderna, ao menos desde Descartes, tem seus contornos mais precisamente definidos no contexto da filosofia do moral kantiana. O self racional e autônomo, oriundo deste pensamento, fundamenta a base para a relação causal entre ação e norma. No intuito de que o sujeito aja de acordo com o princípio máximo da moralidade, foi projetada uma visão de self que deve ser capaz de desprender-se de seu contexto e situação imediata para agir de acordo com o imperativo de ação moral universal. Contemporaneamente, diversas autoras(es) da filosofia e teoria política buscaram o tensionamento dessa concepção moderna de sujeito que atrela a racionalidade e a autonomia às concepções individualistas e descontextualizadas das redes de relacionamento que cercam os seres humanos. Intencionamos nesse trabalho pesquisar como a filósofa Seyla Benhabib aborda a questão do self no interior de obra, com atenção especial para *Situating the Self* (1992) e *Sexual Difference and Collective Identities* (1999).

Tarine Guima Gonçalves (UNIFESP)

Título: Equidades na produção do pensamento político: a crítica da teoria política feminista de Jean Cohen à obra de Jürgen Habermas

Resumo: Procura-se discorrer como, filosoficamente, a crítica feminista se enclama na reestruturação de fortes tradições do pensamento político – inserindo as temáticas de gênero. Como exemplo, apresento a contribuição da teórica feminista Jean Cohen à transformação da teoria do filósofo Jürgen Habermas – representando uma dentre diversas teóricas que também contribuíram nesse processo. A teoria de Cohen atua na superação do clássico debate da dicotomia entre público/privado na filosofia política, que tem negligenciado questões do gênero feminino à esfera privada, longe do debate público e político. Porém, não só: frente à teoria habermasiana, ao invés de denotar a ausência de gênero no manuseio das categorias analíticas, sugerindo outros tipos de categorias, a crítica de Cohen propõe aproveitar as categorias existentes inserindo as problemáticas de gênero, aprimorando-as. Proponho reconstruir a crítica de Cohen à teoria de Habermas, bem como evidenciar as alterações subsequentes do próprio filósofo em sua obra a partir da crítica feminista.

MESA – Feminismo hoje II

(Sala 107 – 14:00 - 15:40)

Coordenador: Ilze Zirbel (UFSC)

Carla Milani Damião (UFG-USP)

Título: Pós-feminismo e a crise das Humanidades

Resumo: Num momento de ataque frontal às Humanidades, que ocorre não apenas em nosso país, proponho recuperar um importante debate presente em teorias feministas que pressupõem o conceito de pós-humanismo. Na revisão que Rosi Braidotti faz deste conceito, há um marco histórico de clara importância: a era pré-Trump. Contrariando o relativismo possivelmente relacionado ao prefixo “pós” e afirmando o perspectivismo positivo das teorias, os termos dessa discussão constituíram áreas de estudos como: estudos de gênero, estudos pós-coloniais e estudos raciais. Braidotti observa o processo de recomposição das humanidades na constituição de novas áreas de estudo que estão destinadas a áreas técnicas, resultando numa diminuição dos estudos culturais, politicamente transformados em “inimigos do mundo ocidental”, ao colocarem em relevo a questão das “minorias” raciais, diferenças culturais e questões de gênero. A permanência possível das “humanidades”, sem a negatividade suposta pelo pós-humanismo, na associação com as áreas técnicas, não significa sua salvação, mas uma diminuição de sua importância, um pressuposto para o qual se requer a reinvenção do pós-humanismo a fim de reverter sua submissão.

Samya Tirza Barbosa Teixeira (UNIFAP)

Título: Letramentos sociais: Uma (re) significação dos discursos feministas na e para a educação.

Resumo: Este trabalho concatena os diversos discursos feministas ao longo dos anos na tentativa de introduzir essas discussões e, possíveis intervenções em âmbito educacional da língua materna. O crescimento da violência mundial contra a mulher, em especial, no Brasil, ocasiona a necessidade de abordar a condição feminina em questões antropológicas, biológicas, sociais, históricas, culturais e filosóficas- assuntos que foram amplamente discutidos por Beauvoir em suas obras. A área da Linguística aplicada (LA) fornece um excelente gama de estudos no que diz respeito aos diversos tipos de letramento como práticas sociais e interacionais. Esta comunicação tem por objetivo trazer reflexões sobre a possibilidade de uma educação crítica, através de práticas de ensino-aprendizagem de inclusão dos múltiplos letramentos sociais dos alunos. Dessa forma, objetiva conduzi-los a caminhos de respeito à alteridade dos sujeitos dentro (e fora) das escolas. Sendo assim, que haja um combate à desinformação de temáticas variadas, em especial aqui, os discursos feministas. Espera-se com esta abordagem a não perpetuação de preconceitos, identidades e estereótipos que subjagam, desvalorizam, oprimem e causam violências contra a mulher.

Yasmin Rejane Martins de Oliveira

Título: Mulher e filosofia: como a categoria mulheres é concebida no currículo de filosofia no ensino médio

Resumo: Esta pesquisa consiste na reflexão da condição feminina no pensamento da filósofa Simone de Beauvoir a partir da obra “O segundo sexo”, e das teorias da filósofa Judith Butler a partir da obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”. A pesquisa analisou o contraste existente na forma que a identidade feminina é desenvolvida na obra dessas suas filósofas. Foram analisadas as reflexões trazidas por Beauvoir acerca do estudo da situação de subversão, as implicações e consequências sociais de “ser” do gênero feminino. Paralelamente, focou também sua tentativa de realizar um projeto que fornece alternativas de emancipação à situação. No caso de Butler, foram pensadas suas críticas em relação ao projeto de Beauvoir e sua refutação no que concerne ao modo pelo qual a categoria mulheres é concebida e representada em termos políticos. Sendo assim, a pesquisa corrente fica na problematização da sujeição da mulher na história da sociedade, e nas relações de poder/subversão e relevância da complexidade do gênero feminino no currículo de filosofia na educação básica.

MESA – Feminismo negro

(Sala 14 - 14:00 - 15:40)

Coordenadora: Priscila Teixeira de Carvalho (UFRJ)

Halina Macedo Leal (FURB)

Título: A noção de interseccionalidade como base do feminismo negro

Resumo: A análise de processos de opressão feminina, quer em função de um sistema patriarcal ou da intersecção do patriarcado com relações de dominação a partir de origens étnico-raciais, começa lentamente a emergir nas reflexões filosóficas. Em geral, tais reflexões buscam examinar as bases dos sistemas opressivos assim como a reação das mulheres a tais sistemas, localizando as diferentes formas e demandas dos movimentos feministas e os modos como estes procuram, por meio da discussão sobre gênero, fortalecer o papel social das mulheres. Tendo em vista este contexto de análise, o presente trabalho visa examinar e discutir a inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexismo, racismo e suas articulações que implicam em múltiplas situações de opressão sofridas principalmente pelas mulheres negras. Interessam aqui sobretudo as análises de pensamentos que questionam a epistemologia moderna universalista de conhecimento e evitam o desvio analítico para apenas um eixo de opressão. Em outras palavras, analisa-se a instrumentalização conceitual de diferentes tipos de opressão e seus efeitos nos debates acerca do feminismo negro.

Léa Tosold (USP)

Título: Lendo Frantz Fanon sob a perspectiva de gênero

Resumo: As leituras da obra de Frantz Fanon sob a perspectiva de gênero são marcadas pela disparidade interpretativa: por um lado, autoras como Judith Butler encontram justamente na questão de gênero os limites da potencialidade do pensamento de Fanon; por outro lado, trabalhos como o de Denean Sharpley-Whiting sugerem potencialidades, em termos analíticos e políticos, de se olhar para a obra de Fanon sob a perspectiva de gênero. Este artigo pretende realizar uma sistematização de tais aportes teóricos, a fim de inquirir acerca das bases argumentativas que conduzem a tão diferentes interpretações dos escritos de Fanon. Conforme sugiro, o modo como se opera a articulação entre gênero e raça é fundamental para a compreensão de tal controvérsia analítica.

Lisandra C. de Moura Menezes (UFG)

Título: Igualdade negativa e igualdade positiva de Angela Davis

Resumo: Análise sobre aspectos da igualdade proposta pela filósofa norte-americana Angela Davis, no livro “Mulher, raça e classe” e problematizações da exequibilidade do conceito na situação da escravidão humana. Davis defende

que havia igualdade positiva entre escravos, homens e mulheres, muito embora, essa igualdade advinha da situação de opressão que sofriam. Mas ao pensarmos a igualdade, em sua forma cristalizada, não podemos considerar certos aspectos desta igualdade proposta por Davis. Neste texto expressei o incômodo com a igualdade e em sua possibilidade em um mundo onde prevalece os antagonismos entre classe, raça, gênero, sexualidade, pessoa com deficiência e entre outras interseccionalidades.

Samira Fatima Silva da Luz (UFRJ)

Título: bell hooks – por uma educação transgressora e decolonial.

Resumo: Através da sua perspectiva de mulher negra, pensadora e educadora, bell hooks, fala da sua experiência acadêmica, inicialmente como estudante e posteriormente como professora. Com essa bagagem teórica e prática de quem conhece ambos os lados da moeda, bell hooks faz uma análise crítica do tradicional sistema pedagógico adotado em sala de aula, que se realiza apenas como transferência de informações técnicas para um propósito específico e individual, sem relação com o multiculturalismo pulsante entre os alunos, sem relação com o contexto social, sem a aceitação da pluralidade que constitui a realidade de toda sala de aula. Considerações típicas de um sistema educacional bancário, que promove o comportamento passivo, onde se consome informações sem nenhum tipo de questionamento. Os instrumentos necessários para transgredir as barreiras de uma educação bancária (que só se importa em reforçar a dominação) estão numa visão pedagógica crítica, anticolonialista e feminista.

MESA – Estética I

(Sala 111 – 9:00 - 10:50)

Coordenadora: Danielle Elene Corte Cardoso (USP)

Carmelita Brito de Freitas Felício (UFG)

Título: Relações possíveis entre a figura do “pária” de Hannah Arendt e a personagem “Mona” no filme “Sans Toit Ni Loi” de Agnès Varda

Resumo: Os escritos judaicos de Hannah Arendt subsidiarão uma análise das relações possíveis entre filme e filosofia, a partir do filme em foco. Exemplos de dois tipos de párias, o/a errante e o/a rebelde, recolhidos de Arendt, se aproximam da escolha de Agnès Varda por uma “mulher em movimento” para representar as/os párias do nosso tempo. A cineasta provoca a reflexão de um problema contemporâneo dramático: o ressurgimento na cena mundial de deslocamentos, diásporas e hibridismos, reveladores do fato de que, os/as “sem teto, nem lei” são também “sem raiz”, foram expulsos/as da cidadania. Personagens abjetos/as são transformados/as por Varda em protagonistas; a insubmissão, a errância e a rebeldia são encenadas por uma personagem que quer apenas ser livre; e, ainda, uma existência na qual a tensão entre o desejo de independência e o confronto com os dispositivos de domesticação, prevalece o não conformismo da protagonista. Esse é o cenário no qual uma mulher pária é criada por Varda para sugerir que o ativismo feminista e o cinema são locais de resistência e de criação de novas figurações que produzem ficções políticas poderosas para re-figurar as mulheres em sua infinita diversidade.

Laura Carolina Mendoza Quimbay (UFOP)

Título: Devir minoritário na dança contemporânea. Notas sobre o encontro de alguns corpos subalternizados no movimento

Resumo: A possibilidade de um devir-minoritário (animal-deficiente-inútil-bailarina categorias que mobilizam com grande intensidade este trabalho) para habitar como uma subjetividade nômade “eticamente responsável e politicamente potente” (Braidotti, 2005), torna-se o centro deste trabalho, em tanto permite a criação e dá consistência a múltiplas est-éticas que viabilizam diversas formas de existir coletivamente. O texto começará pela apresentação da noção de subalternidade como os estudos pós-coloniais e decoloniais ajudam a pensar, para reconhecer esse sujeito das minorias e sua potência interseccional, presente na dança; seguindo a noção do devir minoritário como Deleuze e Guattari o propõem, acrescentando ou explicitando uma crítica à economia

visual que sustentam a ordem do majoritário (masculino-branco) e o representacional (do subalterno) e continuará com as subjetividades nômades de Braidotti em sua leitura de Deleuze e Irigaray. Dado que é a dança contemporânea entre diversidades corporais convoca a minha escrita, ela permeará cada passagem deste trabalho, tentando que o corpo que a mobiliza seja escutado nesta escritura.

Marina Mastrangelo Franconeti (USP)

Título: As ambivalências de Olympia, de Manet: o feminismo, o corpo negro e a transgressão do nu

Resumo: A pintura Olympia (1863), de Édouard Manet, é considerada o quadro fundador da modernidade por T.J.Clark em A pintura da vida moderna. Com a cortesã, a criada negra e o gato aos pés da cama, Manet traça uma referência contemporânea à Vênus de Urbino (1534), de Ticiano, agregando marcas da modernidade, com uma transformação simbólica daquela que seria a figura venusiana do nu abstrato na cortesã que compunha o cenário urbano parisiense do século XIX. No meu presente trabalho, pretendo reconstituir a recepção da obra, como algumas das críticas recebidas no Salão do período, as quais reduziram Olympia às definições de “cadáver em putrefação”, “mulher-gorila”, a fim de demonstrar de que modo houve uma colisão da figura com o imaginário coletivo do século acerca do feminino, do estrangeiro, do corpo negro e do fantástico. Trata-se de um estudo sobre o nu acadêmico, os distanciamentos das normas das Belas Artes e as ambivalências da modernidade.

Manuela Triani Gomes de Knecht (Paris-Sorbonne)

Título: Calendários de mulher nua, batons e loções afrodisíacas: um comentário estético sobre o gênero

Resumo: A carreira artística de Lygia Pape pode ser compreendida como contando com dois momentos cruciais: a passagem do concretismo ao neoconcretismo e a pesquisa sobre minorias étnicas e de gênero. A chegada ao poder dos militares em 1964, parece ter sido o evento gatilho que provocará uma verdadeira transformação na produção da artista. Este momento histórico coincide com a transformação da produção de Pape, que se engaja num movimento de oposição, notadamente com trabalhos plásticos como o Divisor, o Ovo. Pape questiona então, o sistema político e social vigente, ou, em última análise, a sociedade à qual ela pertence. Em 1968, Lygia Pape realiza Caixa Brasil, comentando a miscigenação do povo brasileiro. Em 1976, expõe na Galeria de Arte Global e no MAM/RJ, Eat Me: a gula ou a luxúria?, uma série de propostas artísticas nas quais trabalha com a imagem da mulher como objeto de consumo. A produção de Lygia Pape passa então a se edificar como um vasto comentário crítico sobre as relações de poder e sobre os lugares reservados às minorias étnicas e de gênero na sociedade.

MESA – Cinegênero

(Sala 117 – 9:00 - 10:50)

Coordenadora: Clêmie Blaud (USP)

Ana Clara Squilanti (Cáspes Líbero)

Título: Sobre o documentário “Mais que um corpo”

Resumo: Buscando entender como se dá a existência a partir de um corpo feminino, se o poder de decisão sobre ele é das mulheres que o detêm, e ainda, se esse corpo é um “meu” ou um “eu”, *Mais que um corpo* entrevista sete mulheres, algumas da área de pesquisa sobre gênero e corporeidade, outras mulheres que passaram por experiências diversas, desde assédio no transporte público até violência obstétrica, onde sentiram que tiveram seus corpos tomados de si.

Angélica Del Nery (USP)

Título: Gilda e o olhar

Resumo: Pretende-se discutir a construção de um filme bricolagem – *Exercícios do Olhar: para falar de Gilda de Mello e Souza* –, realizada a partir das falas de Gilda de Mello e Souza, extraídas de textos publicados e entrevistas. Intelectual que se dedicou ao estudo das artes, Gilda nos ensina a olhar. A primeira mulher a compor o corpo docente do Departamento de filosofia da USP em 1954, ela foi Professora de Estética, e publicou livros e ensaios sobre moda, literatura, pintura, cinema, teatro, música.

Yanet Aguilera (UNIFESP)

Título: Filosofia, gênero e cinema no pensamento contemporâneo

Resumo: A relação entre filosofia e cinema está cada vez mais presente nas reflexões dos filósofos contemporâneos. Muitos deles escreveram livros que unem pensamentos filosóficos e análises fílmicas. Outra relação que também se intensifica hoje em dia é aquela entre filosofia e gênero. As análises que Gilles Deleuze e Jacques Rancière fizeram de *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock, pressupõem uma espécie de equivalência no tratamento que os filósofos atribuem à imagem cinematográfica e às mulheres. Aos problemas teóricos da imagem cinematográfica, assim como às práticas analíticas do cinema, entrecruzam-se questões de gênero, evidenciando a abordagem iconofóbica e misógina que a filosofia ainda carrega até nossos dias. Estes trabalhos permitem entender melhor os papéis que desempenham a imagem e a mulher nas relações que se estão estabelecendo entre filosofia, imagem, análise fílmica e gênero.

Coordenadora: Marília Pisani (UFABC)

Anastasia Guidi Itokazu (UFABC)

Título: Violências estocásticas ou como construir um "espaço das opressões"

Resumo: A prática feminista no Brasil de 2019 impõe uma série de desafios teóricos, entre os quais se destaca a demanda por análises mais profundas das diferentes opressões que sustentam o sistema capitalista global. Com o objetivo de contribuir com este debate, proponho a construção de uma representação visual das opressões de gênero, raça, classe etc. a partir de ferramentas matemáticas da Física Estatística do Séc XIX. Meu objetivo é duplo: em primeiro lugar, mostrar que o problema da opressão é multidimensional e não pode ser excessivamente simplificado e, em segundo, contribuir para a consolidação de redes verdadeiras de solidariedade e sororidade ao produzir uma representação gráfica bastante clara de que as opressões experimentadas por pessoas diferentes são, de fato, muito diversas e precisam, logo de saída, ser consideradas assim.

Fabio Alves Gomes de Oliveira (UFF)

Título: Diante das mudanças climáticas: contribuições a partir do ecofeminismo de Greta Gaard

Resumo: Neste trabalho buscarei analisar a proposta da filósofa ecofeminista Greta Gaard sobre o fenômeno das mudanças climáticas. Segundo a autora, é preciso incorporar a categoria “gênero” no debate climático para que se possa enfrentar efetivamente os danos causados pela ideologia tecnocientífica masculinista. Para Gaard (2015), esta ideologia sustenta de uma só vez a política do descarte, a partir da lógica do consumo desenfreado propagada por países industrializados, e vulnerabiliza ainda mais as mulheres. Segundo Gaard (2015), as mulheres são as mais afetadas pelas mudanças climáticas; não por razões inatas ao metabolismo biológico, mas pela vulnerabilidade resultante das desigualdades produzidas pelas assimetrias de gênero, discriminação e pobreza (GAARD, 2015, p. 29). Afinal, são as mulheres que vivem na pobreza que assumem o ônus das consequências das mudanças climáticas, pois são elas que geralmente trabalham para buscar água ou coletar combustível e forragem. (GAARD, 2015, p. 29); que têm ainda menos recursos para lidar com o clima sazonal e episódico de desastres naturais. (GAARD, 2015, p.30).

Giovanna Ramos Möller (UFABC)

Título: O caso da robô feminizada fascista: críticas feministas à tecnologia

Resumo: A apresentação pretende expor linhas gerais do trabalho de pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo junto à UFABC. A pesquisa propõe a análise social e filosófica do software Tay, um programa de simulação de diálogo criado pela Microsoft em 2016 e projetado com persona feminizada. Menos de 24 horas depois do contato com usuários da rede social Twitter, o programa negou publicamente a ocorrência do Holocausto. O caso demonstra, a meu ver, diversos fatores sociais e políticos que merecem atenção no estudo da tecnologia. A pesquisa é informada pela combinação de dois eixos teóricos: os escritos de Theodor W. Adorno sobre tecnologia e personalidade autoritária, e os escritos de Judy Wajcman sobre gênero, sociologia e objetos tecnológicos. Em um movimento que se pretende interdisciplinar, a análise parte da ideia de que objetos tecnológicos são marcados por circunstâncias sociais, não só em seu uso, mas em sua própria construção. Em última instância, a pesquisa aponta para a importância de um olhar crítico e feminista aos objetos tecnológicos.

Iarle Sousa Ferreira (UNISINOS)

Título: Escutas, narrativas e olhares feministas, antídotos ao assédio moral nas instituições públicas brasileiras

Resumo: O trabalho identifica aspectos da produção do assédio moral e os analisa em face da ontologia da técnica de Heidegger e da ontologia do ciborgue de Donna Haraway. A reflexão articula especificamente os conceitos de extração e funcionamento, constitutivos da essência da técnica (Gestell), em contraposição à liberdade e à escuta do ser, com o conceito de híbrido ciborgues, entendido por Haraway como agente político contemporâneo. As articulações elaboradas pela perspectiva feminista, traduzida como “escutas”, “narrativas” e “olhares” em torno das questões de gêneros, podem nos conduzir à compreensão da lógica do assédio moral nas instituições públicas brasileiras e de um ativismo feminista capaz, não apenas de reação ou resistência à violência posta pela tortura do assédio, mas, acima de tudo pela possibilidade de desmontar a sua estrutura funcional. A hipótese é que esse desmonte transporta em seu bojo a gênese de esferas públicas feministas condutoras de novas políticas, as quais poderão contribuir na reabilitação das instituições em crise e enfraquecidas pela lógica da dominação e da subordinação de corpos políticos.

Janyne Sattler (UFSC)

Título: Utopias e distopias políticas feministas

Resumo: De Christine de Pizan a Charlotte Perkins Gilman, de Margaret Atwood a Ursula LeGuin, eu gostaria aqui de investigar as inflexões políticas, a partir da perspectiva feminista, destes textos filosóficos e literários utópicos e distópicos em vista de uma compreensão diagnóstica da realidade social e política

contemporânea, tanto brasileira quanto estrangeira, em sua vivência capitalista, cujas alternativas se dão em direção a um horizonte socialista, ecofeminista e tecnologicamente responsável, para finalizar, nestes termos, com Donna Haraway e as possibilidades abertas por nossa vivência - feminista - ciborgue.

MESA – Feminismo Lésbico

(Sala 117 – 14:00 - 15:50)

Coordenadora: Juliana Ortegosa Aggio (UFBA)

Aléxia Cruz Bretas (UFABC)

Título: Libelo contra a "mentalidade direita"

Resumo: Esta fala pretende ressoar – e ressignificar – o título de um ensaio de Monique Wittig, já traduzido no Brasil como “O pensamento hétero”. Dedicado às lésbicas estadunidenses e assim intitulado em referência ao Pensamento selvagem de Lévi-Strauss, o texto foi chamado “The Straight Mind”, em inglês e “La Pensée Straight”, em francês. Por se tratar de um ensaio feminista escrito por uma das autoras mais importantes tanto para os estudos gays e lésbicos dos anos 1970 e 1980, como para a chamada teoria queer desde os anos 1990, as tradutoras brasileiras optaram, acertadamente, por ressaltar um dos significados entre outros tantos à disposição – nomeadamente, o de não gay ou heterossexual. De modo análogo, a proposta desta intervenção é justamente valer-se da irredutível polissemia do termo straight em português, para refletir sobre possíveis convergências e/ou suplementações entre algumas de suas principais traduções – e, de modo mais específico, entre a de “heterossexual” e a de “direita”, em uma óbvia remissão às pungentes justaposições entre as questões sexuais e as disputas políticas situadas e corporificadas em um “Brasil acima de tudo”.

Janice Aparecida de Souza (PUC-MG)

Título: Interações, espaços e ambientes utilizados por lesbianas belorizontinas: entre o velado e o exposto

Resumo: A pesquisa que venho desenvolvendo no Doutorado - INTERAÇÕES, ESPAÇOS E AMBIENTES UTILIZADOS POR LESBIANAS BELORIZONTINAS: Entre o velado e o exposto - objetiva mapear os territórios de sociabilidade disponíveis para mulheres lésbicas entre as décadas de 1950 e 2000, e a relação de tais espaços enquanto referencial para a construção da identidade homoerótica feminina. A pesquisa permitirá, além de um comparativo entre duas gerações, o resgate de histórias de vida, o mapeamento e o registro histórico panorâmico das formas de relacionamento dessas mulheres, dos espaços

utilizados e a relação que os espaços frequentados – sejam eles públicos ou privados – tiveram e têm na construção da identidade homoerótica feminina. A escassez de estudos sobre as identidades homoeróticas femininas não nos permite saber como se organiza o universo homossexual feminino e reafirma o lugar conferido às mulheres na nossa sociedade, como bem o identificou Simone de Beauvoir no clássico *O Segundo Sexo* (1949). Basta uma breve pesquisa no vasto banco de teses e dissertações da Capes para se constatar tal escassez.

Taynam Santos Luz Bueno (UFAL)

Título: Gênero e racionalidade: as mulheres no pensamento de Sêneca

Resumo: Pretende-se abordar o ambíguo, e por vezes contraditório, posicionamento dos filósofos estoicos acerca do papel das mulheres na filosofia, notadamente sob a perspectiva de Sêneca. Ao acompanhar as reflexões do pensador romano sobre o gênero feminino percebemos que há uma dupla apresentação das mulheres e de suas potencialidades. Em algumas passagens, o filósofo as expõe como virtuosas e, portanto, dignas da atividade filosófica e da realização de ações corretas. Por outro lado, na maior parte das vezes, o autor latino parece associar ao gênero feminino certas características que indicam limitações e prejudicam seu comportamento ético, mitigando assim o exercício pleno de sua racionalidade. Por muitas vezes, vemos Sêneca associar aos adjetivos femininos falhas morais e deficiências de caráter, ao passo que, aos adjetivos masculinos, o filósofo creditará ações virtuosas e ligadas à racionalidade. No entanto, como compreender tal ambiguidade em relação ao gênero feminino se, por princípio, o pensamento estoico afirma que a racionalidade e a potencialidade de realização de ações virtuosas é garantida à humanidade, graças à sua participação no *lógos*? Como compreender a associação da atividade racional ao universo masculino em detrimento da *imbecillitas* ligada às mulheres? Para responder a tais perguntas analisaremos alguns dos *exempla* de mulheres na obra filosófica senequiana, contrapondo-os à compreensão do estoicismo fundado por Zenão como escola de *rigida ac uirilis sapientia*.

Vitória Miranda Martins (UNIFESP)

Email: vitoria_mmartins@outlook.com

Título: Judith Butler: Incorporação, atos de gênero e o corpo como espaço incorporado

Resumo: O presente estudo propõe-se a analisar a crítica e a reapropriação que Judith Butler faz de conceitos psicanalíticos, tal como apresentada em sua obra "Problema de Gênero". A autora aborda a identidade de gênero via "Complexo de Édipo", de modo a repensar o que Freud chamou de "disposições", modificando sua ordem no complexo e adicionando o Tabu da Homossexualidade na questão. Para além da reutilização da teoria psicanalítica freudiana, Butler baseia-se no conceito de "Incorporação" dos psicanalistas Abraham e Torok para

formular de que modo uma identidade de gênero vem a ser incorporada por um corpo. Utilizando-se a "Incorporação" em sua filosofia, Butler assevera que a incorporação de uma identidade de gênero é correspondente a melancolia, uma vez que a criança frente ao complexo de Édipo, de seus progenitores, é proibida pelo Tabu da Homossexualidade de desejar o progenitor de seu mesmo sexo. Assim, por conta da proibição a criança guarda em seu interior psíquico a melancolia e a incorpora em atos de gênero correspondentes ao progenitor proibido. Neste estudo, propomo-nos refletir acerca do espaço no qual o corpo se relaciona com a incorporação e os atos de gênero.

MESA – Estética II

(Sala 111 - 14:00 - 15:50)

Coordenadora: Carla Milani Damião (UFG/USP)

Ana Emília da Luz Lobato (UFRJ)

Título: Uma certa maneira de ler a gramatologia de Jacques Derrida

Resumo: Neste trabalho gostaria de propor a leitura da Gramatologia, obra na qual o filósofo franco-argelino Jacques Derrida apresenta uma certa "matriz teórica" do pensamento da desconstrução, como um texto de teoria feminista da história da filosofia. Na primeira parte, Derrida põe em questão o fonocentrismo que caracterizou o pensamento filosófico logocêntrico e o organizou em uma história (a história da metafísica). A segunda parte, dedicada à escrita de Jean-Jacques Rousseau, se orienta em torno do "suplemento", termo que permite ao filósofo ler nos textos rousseauianos a repetição do gesto fonocêntrico de rebaixamento da escrita. Este gesto filosófico primordial é, sobretudo, um deslocamento que dissimula o lugar de uma falta inexorável com a qual a metafísica não pode lidar. Este lugar, a brisura entre a natureza e a cultura, Rousseau não o nomeia como "mulher" em seu enunciado, mas o aponta seguramente. É a partir deste ponto que gostaria de propor a hipótese de que o pensamento da desconstrução guarda a possibilidade de uma epistemologia feminista através da qual se pode pensar a escrita da história da filosofia.

Daniele Elene Corte Cardoso (USP)

Título: A partilha do sensível do ponto de vista da voz do gênero

Resumo: Jacques Rancière formula a política a partir do conceito de partilha do sensível: o sistema que estabelece uma relação entre as práticas políticas e estéticas. Segunda a visão de Rancière, toda a ordenação de uma comunidade é determinada pela maneira como cada corpo tem acesso ao comum, em outras palavras, trata-se de uma conformação que define quem tem a posse da palavra, do tempo e é visível dentro de um espaço partilhado. A política antes de ser uma

estrutura que configura relações é, na visão do autor, a própria disputa do espaço político, e a disputa acontece no campo estético. Anne Carson em *Gender of Sound* propõe uma desigualdade de gênero baseada na voz. Através de um levantamento desde os filósofos gregos, a autora demonstra como se estabeleceu um elemento de desautorização de gênero pautado no som. Ou seja, há um elemento estético que define a forma como corpos participam de uma comunidade. Nosso esforço é demonstrar como se dá a aproximação entre a autora e o pensamento de Rancière, partindo dessa diferenciação sonora como marca de distinção e distribuição do comum. Afinal, a partilha do sensível configura a inclusão e a exclusão a partir da possibilidade ou impossibilidade de ser visto e ouvido dentro da comunidade.

Henrique Piccinato Xavier (USP)

Título: Marilena Chaui: uma metáfora filosófico-política do feminino

Resumo: Uma das questões centrais na reflexão de Marilena Chaui sobre gênero vem a ser o autoritário silenciamento das mulheres. Um problema que toma contornos precisos quando observamos seus textos que tratam de literatura, textos que buscam escutar e interpretar as vozes de escritoras, cantoras e poetas brasileiras como Clarice Lispector, Adélia Prado, Gilda de Melo, Elis Regina, Dolores Duran, Marilene Felinto etc. A partir deste recorte estético, abordando a interpretação filosófico-política de Chaui das metáforas, imagens literárias e vozes destas autoras, dando, também, atenção especial a sua interpretação dos escritos de estética de Gilda de Melo (que foi sua professora, orientadora de tese, colega docente, interlocutora e amiga) que desenvolveremos a nossa apresentação, buscando os temas mais amplos de sua reflexão sobre gênero e destacando a ação de Chaui de confundir sua própria voz como autora com as vozes de tais escritoras e poetas, pois a sua obra e experiência pessoal são também o esforço por varar o silêncio e conquistar o direito à palavra, precisamente ao se tratar do meio filosófico no Brasil, sobretudo o uspiano, que foi constituído quase que hegemonicamente por homens.

Thiago Dias (UNICAMP)

Título: A política da voz e do dizer segundo Adriana Cavarero

Resumo: Em "Vozes plurais", Adriana Cavarero apresenta uma nova maneira de conceber a relação entre política e palavra. Baseando-se expressamente em ideias de Hannah Arendt, Cavarero sustenta sua proposta sobre uma fenomenologia vocálica da unicidade, ou seja, sobre um esforço de apreender fenomenologicamente o valor político da singularidade expressa pela voz. Platão e Aristóteles, em sua luta contra Homero, dividiram o logos em um aspecto sonoro e um aspecto lógico e, ato contínuo, soterraram a voz sob o semântico estabelecendo uma hierarquia à qual se uniria ainda a hierarquia dos gêneros,

pois a tradição atribuiria a voz à mulher e o semântico ao homem. Carnais, sensuais e particulares, a voz e a mulher se mantiveram à sombra do espiritual, racional e universal garantidos pelo homem e seu logos sem voz. Com base nisto, Cavarero conclui pela necessidade de reconduzir a palavra à sua raiz vocálica, especificamente acústica e tradicionalmente feminina; não em detrimento do semântico, mas em conjunção com ele, pois é por meio da voz de cada um, única e irrepetível, e da linguagem partilhada por todos, que poderemos pensar de fato a pluralidade e, assim, uma política pós-nacional.

MESA 12 – Sexualidade

(Sala 113 – 14:00 - 15:50)

Coordenadora: Carla Rodrigues (UFRJ)

Alberto Edmundo Fabricio (UFABC)

Título: Falemos sobre sexo: atualizando as “Guerras feministas do sexo”

Resumo: Vamos falar sobre nossas frustrações sexuais, sobre nossas fantasias sexuais, sobre o que nos causa prazer. Vamos falar de sexo. Melhor ainda, nos preocupemos por estudar quais são as condições de possibilidade de uma discussão sobre sexo. Aliás, sabemos que só é possível levar adiante essas discussões se o fizermos a partir de uma posição crítica que desmantele os sistemas de poder que produzem hierarquias corporais. Quer dizer, falemos de sexo mas desde uma perspectiva feminista: Quais são as condições de possibilidade de uma discussão feminista sobre sexo, quais discursos são possíveis e quais não são? De fato, o sexo sempre foi um problema para *s feministas. Memoráveis são os debates que surgiram em torno a estas questões no início dos anos 80 em EUA, os que finalmente ficaram conhecidos como "Feminist Sex Wars". Com efeito, o que parecia estar em jogo era a delimitação de uma matriz discursiva a partir da qual pudesse se desenhar uma abordagem verdadeiramente feminista da sexualidade. O estudo da história desses debates funcionará assim como um pontapé para examinar esses regimes discursivos que até hoje parecem trabalhar no feminismo quando falamos e sexo.

Diego Blanco de Sousa (UFABC)

Título: A pornografia gay como biopolítica do prazer contemporâneo

Resumo: Com o desenvolvimento de certas tecnologias, algumas características das subjetividades vêm se transformando gradualmente. Com a expansão da indústria pornográfica e com seu fácil acesso via internet, o sexo (o ato de se fazer sexo) se torna cada vez mais performático e construído em torno de uma norma heterossexual dos prazeres. Sentir prazer, no filme pornô, implica em se assumir

papeis específicos de masculinidade e feminilidade, independentemente da rotulação de gênero do filme específico, parece haver sempre uma construção muito clara dos papeis de masculino/feminino empregados pelos atorxs. Em seu livro de 2008, *Texto Junkie*, o filósofo trans-feminista, Paul B. Preciado, chama a atenção para uma nova espécie de biopolítica que se constrói a partir da expansão das tecnologias: o capitalismo farmacopornográfico que parece subjetivar ainda mais os sujeitos em uma sexualidade normativa e calcada no binarismo ativo/passivo. Nesta apresentação, busco pensar criticamente como o contato com a pornografia gay e binária (ativo/passivo) acaba legitimando os papeis pré-definidos da masculinidade e feminilidade, mesmo na indústria pornográfica voltada ao público gay.

Leonardo Santos Ribeiro (Diadorim) (USP)

Título: Afecção em banheiros públicos masculinos

Resumo: A pesquisa dos banheiros consiste em dois níveis que são linhas distintas, porém que se entrecruzam. Sendo uma indispensável da outra, por um lado, tentaremos compreender os afetos nos mictórios como um “agenciamento coletivo de enunciação”, onde uma rede complexa sustenta os encontros de olhares, toques, sexo oral e anal... Investigaremos como tal “rede” se reatualiza a cada instante para que o “masculino” escrito na porta do banheiro possa ser dito performativamente. Chamamos de “hedonista do banheiro” esses corpos que sob olhares públicos tiram o pênis da calça e mexem de um lado ao outro na esperança de conquistar atenção dos outros. Mas não devemos dar crédito a esses hedonistas do banheiro, como pensaríamos em Diógenes que negava a propriedade, os costumes e “cagava” em qualquer lugar. Os hedonistas estão preocupados com a satisfação imediata, com o prazer custe o que custar. Mas talvez ainda seja possível usar o termo cínicas do cu para os corpos transviados, enquanto aqueles que estão em seu devir viado. As segundas serão reconhecidas como cínicas porque mesmo sendo “vidas precárias”, não abrem mão de assumir uma performatividade que é oposta a forma com a qual performativamente são reconhecidas.

Thiago Teixeira dos Santos (PUC-MG)

Título: A desconstrução do homem e construção de uma ética das diferenças

Resumo: Ao pensarmos nas relações de gênero, somos, de modo bastante profundo, tensionados a problematizar a pulverização das categorias de masculinidade. Embora, os homens, ao longo dos tempos, tenham pensado as si mesmos a partir da noção de substância, nós enxergamos a importância de parafrasearmos Simone de Beauvoir e nos provocamos: o que é ser um homem? Pensamos que esta questão retira os homens deste lugar de estabilidade e, mais, faz com que nos afastemos desta ontologia da neutralidade que paira sobre a percepção de suas existências. Somos inclinados a pensar na contramão desta universalidade e desta neutralidade a fim de elaborar uma ética que compreenda a vulnerabilidade e a relação como estruturas de ampliação dos enquadramentos de percepção. Somos afetados por um poder externo que se encarna em nós e forja nossa

subjetividade. Neste horizonte, somos incitados a repensar estas categorias de formação da nossa percepção de nós mesmos e dos outros. Pensamos que a construção de um horizonte mais justo e democrático perpassa a desconstrução das categorias de subjetividade unilaterais e impenetráveis.

MESA 13 – Estética III

(Sala 106-A - 14:00 - 15:50)

Coordenadora: Rafaela Rodrigues Ribeiro (USP)

Aline de Oliveira Rosa (UFRJ)

Título: A sexualidade invisível e a escrita do gozo proibido

Resumo: “Quando se deixará de confundir o sexo da mulher com o seio da mãe, de pretender que aquele não tem valor senão porque recolhe a herança deste?” A psicanalista e filósofa belga Luce Irigaray, em seu livro *Speculum de l’autre femme* (1974), formula assim uma das questões de fundo do feminismo: onde está a sexualidade feminina? Na tradição filosófica e psicanalítica a mulher é a falta, o irascível, o útero vazio, a caverna, o hospedeiro discursivo neutro para a sustentação do termo Maior, o homem. Já o sujeito do masculino é a luz, o logos, a razão. Isso significa dizer que não existe o Outro, o sujeito do feminino ou qualquer outra categoria de gênero que fuja à lógica falocêntrica. Segundo essa lógica, a mulher não existe, sua sexualidade é negada, é ela o não-discurso. Com este artigo proponho uma reflexão sobre a sexualidade feminina, atrelada a teoria queer, resgatando o feminino da neutralidade trazendo-o como sujeito do discurso. Pretendo abordar o gozo feminino como um grito rebelde que rompe com a estrutura da própria língua, produzindo novos discursos, novas simbolizações dos lábios, construindo uma performatividade do discurso.

Marloren Lopes Miranda (UFG)

Título: “Escritas de Mulheres: Repensando o Texto Filosófico” – um projeto

Resumo: No século XX, feministas como Hélène Cixous e Lucy Irigaray questionaram-se sobre a possibilidade de uma “escrita feminina”, de um texto que subverta padrões de gêneros textuais, produzidos majoritariamente por homens – como os de Virginia Woolf e Clarice Lispector. Recentemente, a escritora Conceição Evaristo introduziu na literatura o conceito de “escrevivência”, um estilo textual que visa a falar das experiências de negros, especialmente de mulheres, a partir de sua coletividade. Na contramão da diversidade literária, o texto filosófico acadêmico procura apresentar o rigor dos conceitos, clareza e objetividade, visando a um padrão dito científico e, com isso, produzindo uma uniformização da escrita filosófica em geral. Isso parece, no entanto, ser contrário à própria história da filosofia, que já apresenta uma diversidade de textos filosóficos, como diálogos, relatos, aforismos, etc. Com isso em vista, o objetivo geral deste

trabalho é apresentar a proposta de repensar o gênero textual filosófico acadêmico olhando para textos literários, especialmente dos estilos citados acima, questionando os limites do texto filosófico acadêmico, e, mais amplamente, da própria filosofia.

Susana de Castro Amaral Vieira (UFRJ)

Título: Carolinas e Marias

Resumo: As escritoras Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) possuem trajetórias semelhantes, ainda que distantes quase um século uma da outra. Tinham se passado somente dois anos da publicação de O Quarto de Despejo, quando o bibliófilo paraibano Horácio de Almeida descobriu no meio do lote de livros que havia recebido do Rio de Janeiro a edição original do romance Úrsula de MFR, publicado um século antes, em 1859, no Maranhão. Também podemos atribuir ao acaso a 'descoberta' do talento poético de CMJ. Seus cadernos de diário só vieram a lume depois que o jornalista Audálio Dantas, encarregado de escrever uma reportagem sobre a favela do Canindé, encontrou-se com a escritora no 'rebuliço favelado' (Dantas, 2007). O fato de ambas terem tido seu talento literário reconhecido apenas por sorte, acaso, nos leva a imaginar quantas Marias e Carolinas não existiram e existem ainda nos rincões do país e nas favelas dos grandes centros urbanos. Certamente o fato de ambas serem mulheres, negras e pobres contribuiu para que fossem ignoradas por tanto tempo. Em uma sociedade nitidamente patriarcal, racista e classista, como a brasileira, somente poucas mulheres alcançam a notoriedade literária, e mesmo estas, somente se brancas e ricas.

MESA – Deleuze/Guattari

(Sala 14 – 14:00 - 15:50)

Coordenador: Maria Cristina Longo Cardoso Dias (UFRN)

Larissa Drigo Agostinho (USP)

Título: Gênero, sexo e lutas políticas

Resumo: O que nos interessa aqui é uma questão que mobiliza grande parte da filosofia deleuze-guattariana e que foi posta por um fenômeno prático: maio de 68. A questão de saber quais as novas lutas políticas trazidas por esse fenômeno e quais são os seus sujeitos, porque não é possível que as lutas políticas se transformem sem produzir novos tipos de subjetividade. A originalidade da teoria guattariana a respeito dessa questão se desdobra em dois campos: a primeira coloca a questão de saber quais as subjetividades capazes de construir-se fora do espaço de captura do poder, como funcionam enquanto grupos políticos, como transformam as formas de organização burguesas e hierárquicas. Em seguida, trata-se de analisar as formas e os mecanismos de repressão, conscientes e inconscientes, abstratos e concretos que mantém em funcionamento a sociedade capitalista. Uma vez apresentada a crítica deleuze-guattariana às relações binárias de

sexo e gênero e seu papel na produção de indivíduos e na manutenção da ordem social burguesa, buscaremos apresentar de que maneira Guattari pensa as formas de organização política que essas novas subjetividades produzem.

Larissa Guedes Tokunaga (USP)

Título: Emma Goldman e a subjetivação anarcofeminista: por um feminismo antipredicativo?

Resumo: Emma Goldman (1869-1940) destaca-se por sua insurgência anarcofeminista, tendo conjugado questões de sexo e a luta antiestatal em um mesmo discurso pela equidade social. Diante do prisma de “humanidade” que é defendido como cerne de resistência, tem-se como escopo perscrutar não somente se a militante se distancia do arquétipo binário feminino/ masculino que foi naturalizado ao longo da história, mas se a defesa da identidade abre espaço à expressão da subjetividade na pauta dos protestos da libertária. Os objetivos centrais giram em torno da investigação desse modelo de subjetivação proposto pela autora. Tenciona-se estabelecer um diálogo entre o conceito de “individualidade” embutido nos textos da militante e a concepção de “único” propugnada pelo filósofo Max Stirner na obra *O único e sua propriedade*. A abordagem será realizada por meio do confronto interpretativo entre os ensaios de Goldman e o arcabouço teórico propiciado pelo filósofo. A hipótese aponta para a defesa de um feminismo antipredicativo, uma vez que a concepção de “individualidade humana” parece se coadunar ao rechaço de instituições, modelos e mediações transcendentais que também é realizado por Stirner.

Lis Macêdo de Barros (USP)

Título: Corpo sem Órgãos Drogado e sua inversão: o corpo farmacopornográfico

Resumo: O Corpo sem órgãos não é uma noção ou um conceito, é um conjunto de práticas. Ele é limite, não uma cena ou um local ou mesmo um suporte de onde algo surgiria, ou seja, qual sua relação, então, com o corpo? Para Deleuze&Guattari, no platô VI, corpo aparece como somente um “conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do Corpo sem órgãos, Metrôpoles, que é preciso manejar com o chicote [ou com a injeção narcótica]” (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p.16). O corpo narcótico é uma exemplificação dessa produção de intensidades, visto que com as próteses farmacológicas é possível fazer uma reorganização somática, para além dos órgãos organizados. Todavia, Paul B. Preciado narra a experimentação de um corpo drogado estratificado, narra a produção do corpo farmacopornográfico, que em conjunção com os dispositivos semiótico-técnicos, é formado por uma toxicomania, isto é, sua organização é cristalizada capitalista. Esse é o percurso de tal comunicação, pensar o corpo sem órgãos drogado das obras *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, de Deleuze&Guattari, para explicar suas conexões e desconexões com o corpo farmacopornográfico de Preciado, aquele corpo que tal autor configura como a subjetividade base para a atual produção capitalista.

MESA – Nietzsche

(Sala 119 – 8:00 – 8:55)

Coordenador: Ricardo Polidoro Mendes (USP)

Adriana Delbó Lopes (UFG)

Título: Nietzsche e as mulheres: uma leitura feminista da crítica nietzschiana aos ideais

Resumo: Os termos “mulher”, “mulheres” e “feminismo” na obra de Nietzsche aparecem de modo controverso, provocativo e até mesmo como razões para incômodos. Nem sempre é evidente se ele está se referindo a uma concepção dele ou da tradição, com a qual concorda ou está criticando. É que a respeito das idealizações para a mulher, ele escreve de modo também genealógico, a fim de colocar em questão os fundamentos que pretendam sustentar tais ideais, sem assumirem por quais propósitos tentam alçá-los. Meu objetivo é investigar como Nietzsche analisou as noções de mulher a partir de cenas, diálogos, personagens e contraposições que contribuam para pensar se as considerações a respeito de “mulher” são construção baseadas em seu oposto. Não obstante, há de se notar que por meio dos mesmos recursos, ele valoriza um aspecto “feminino” que confere à vida e à condição para o artista criativo. A partir do que ele escreve sobre a “pessoa mãe” e a “vida como mulher” que sua crítica à concepção de “mulher em si” pretende ser analisada. Trata-se de um olhar do feminismo para a perspectiva que Nietzsche lançou sobre a “mulher”.

Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (UFG)

Título: Nietzsche e o controverso ideal de emancipação feminina

Resumo: Se as considerações de Nietzsche sobre a mulher são variadas, difíceis e até problemáticas, posto que não se pode atribuir um único sentido ao termo, o mesmo, em parte, não ocorre com o termo emancipação. Nietzsche apresenta aforismos nos quais demonstra algumas noções atribuídas ao termo. Não obstante, o filósofo trata da emancipação feminina não do ponto de vista exclusivamente político, mas da mulher como um ‘em si’. Neste artigo partirei do aforismo 239 da obra *Além do bem e do mal* no qual é possível verificar o sentido que ele dá ao termo, assim como esquadrihar os indícios do modo como ele lê a democracia na crença de igualdade e a educação geral da mulher a partir da masculinidade. Nestes termos, tendo a igualdade como reivindicação fundamental, a emancipação se torna um sintoma da tradição que coloca as

mulheres em condições de maior opressão. É neste ponto que Nietzsche observa a incoerência da proposta de emancipação, uma vez que, a partir da quebra da distinção e do abandono da diferença entre homem e mulher, é que se exigia o sacrifício da internalização dos valores masculinos em um consequente esvaziamento, embotamento e regressão do que é singular na mulher.

MESA – Morte e luta

(Sala 111 – 8:00 - 9:00)

Coordenadora: Elizete Waughan da Silva (USP)

Maria Cristina Longo Cardoso Dias (UFRN)

Título: A questão da opressão no livro “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis

Resumo: Angela Davis descreve, a partir de inúmeras fontes, que o modo de produção capitalista é mestre em beneficiar-se de clivagens operadas dentro de um povo. Com a construção do mito da feminilidade das mulheres brancas, que nunca imperou para as mulheres negras, paga-se menos às mulheres e as explora mais, tendo em vista que para além de mão-de-obra no mercado de trabalho devem ser mães e donas de casa. Com o racismo dos homens negros, paga-se menos a estes trabalhadores, cria-se o mito do negro estuprador que é aproveitado para que sejam encarcerados e escravizados nas prisões norte-americanas. Junto da mulher negra cola-se a baixa remuneração, o trabalho pesado doméstico, agrícola e depois industrial, cola-se o rótulo de mulher promíscua utilizado para abuso sexual de seus corpos. Angela Davis mostra com maestria como todas as formas de opressão são escalonadas pelo modo de produção capitalista em diferentes remunerações e explorações e como estas mesmas formas de opressão podem tanto dividir as trabalhadoras e trabalhadores gerando lutas não potentes, como podem constituir um elo entre todas e todos aqueles que a sofrem para que lutem pelo seu fim.

Renata Bagioni Wroblewski (USP)

Título: O conceito de fracasso em Judith Butler

Resumo: Essa pesquisa tem por objetivo analisar o conceito de fracasso no pensamento de Judith Butler. A partir disso, busca-se entender porque a noção de fracasso se relaciona com a sua problematização das políticas identitárias, constituição dos sujeitos e sua manifestação através de seus corpos. Para tal, se faz necessário examinar questões presentes no livro *Bodies that matter* (1993), onde ela destaca o fracasso como inadequação ou ainda como não conformidade a norma. Simultaneamente será analisada a obra *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (1997), na qual Butler evidencia o fracasso como contradição

performativa que coloca em questão as noções de integridade e coerência. Por fim, essa pesquisa abordará a relação entre esse sujeito que torna corpo tanto fracasso quanto resistência em uma das obras mais recentes de Butler, *Notes toward a performative theory of assembly* (2015), na qual a precariedade é indagada enquanto eixo argumentativo da teoria performativa da assembléia.

Rafael Medeiros de Oliveira (UFRJ)

Título: Sobre corpos que pesam em direção à morte

Resumo: Todo corpo nasce a partir de um conjunto de requisitos da natureza. E todo corpo é afirmado socialmente a partir de um conjunto de requisitos culturais. Por que alguns corpos só podem ser afirmados socialmente na dor e na violência? Para Judith Butler, os corpos afirmados na violência parecem fazer menos sentido do que outros, parecem ter menos importância social. Se a materialidade pode ser compreendida como a qualidade de todo humano, como faremos para afirmar a vida de um corpo cuja fronteira com a própria morte tonou-se modo de vida?

MESA – Educação

(Sala 14 – 8:20 – 10:50)

Coordenadora: Clêmie Ferreira Blaud (USP)

Dalva Aparecida Garcia (PUC-SP)

Título: Por uma experiência de narrar- Vozes silenciadas

Resumo: Em *O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov (1936)* W. Benjamin nos alerta para a falência da arte de narrar uma vez que a faculdade de intercambiar experiências estaria em declínio. A arte de narrar intimamente vinculada ao trabalho manual seria alimentada pela experiência de quem fica e quem vai. Na dialética da proximidade e da distância, o sedentarismo da tradição do camponês aliada a figura do comerciante constituem o solo fértil do tecido da narrativa. Todavia, o avanço da técnica e da produção capitalista fez prevalecer o primado da informação. Para Benjamin, a informação se auto consome uma vez que nela as explicações são dadas ou apresentadas. Na narrativa, o tédio do trabalho manual faz germinar camadas sobrepostas que incitam reflexão e uma diversidade de interpretações. A "pobreza da experiência" aliada ao tecido puído de uma experiência mutilada e fragmentada provoca a extinção da arte de narrar analisada através da obra do escritor russo Nicolai Leskov. No conto *Homens Interessantes* Leskov nos apresenta com uma intrigante narrativa em que personagens femininas intervêm no curso do relato do narrador. Esse trabalho tem como eixo narrativas de mulheres que buscaram marcar seu traço

diretamente ou indiretamente no universo da filosofia. O conto de Leskov, a análise de Benjamin sobre o narrador e as considerações de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* sobre as questões de gênero no âmbito de um modelo de racionalidade dominadora constituem o pano de fundo deste trabalho. Não se trata de remendar narrativas subjetivas como faziam minhas avós analfabetas e profissionais do lar que sabiam bem aprumar os trapos e coser lindas colchas de retalhos. Trata-se resgatar a faculdade de intercambiar experiências de vidas privadas que configuram as linhas do avesso de um bordado que se esconde no silêncio do não escrito nos textos acadêmicos que compõe o uso da razão pública. Se o narrador é o cronista da história e não o historiografista, este trabalho que busca uma de tantas interpretações possíveis se edifica a partir de pequenas crônicas do cotidiano de mulheres pesquisadores.

Janaína Rute da Silva Dourado (PUC-SP)/ Rosimar Pereira Barbosa (UFabc)

Título: A importância da efetividade da Lei N° 12.711 De Agosto De 2012: Uma Reparação no acesso da Permanência ou Privilégio?

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre as políticas e as ações afirmativas nas Universidades públicas na qual relaciona-se, a igualdade racial e acesso, no que tange os impactos na vida acadêmica de uma mulher negra, relacionando aos desafios desta política que, muitas vezes não está relacionada com os processos que garantam a permanência e nem com a discussão e ação efetiva na Universidade, ou seja, este processo é enorme no que tange legitimar e oportunizar a vida acadêmica dos negros e principalmente das mulheres negras na vida acadêmica, os quais estão distantes de serem reconhecidas nesta política.

Marilia Mello Pisani (UFABC)

Título: Corpo, erotismo e democracia: um estudo de caso

Resumo: Quando os estudos de gênero encontram a sala de aula, o que pode acontecer?

Ao mesmo tempo, como aquilo que acontece em uma sala de aula pode nos fazer pensar sobre os estudos de gênero e sobre a nossa atualidade? Esta apresentação toma como ponto de partida um experimento didático realizado de junho a agosto de 2019 na Licenciatura em Filosofia da UFABC, no primeiro oferecimento da disciplina optativa Corpo, Sexualidade e Estudos de Gênero. Quando formulada, a ementa assumiu um caráter procedimental, experimental e empírico como alternativa para lidar com dois impasses: as demandas conservadoras e a necessidade de ir além da “reflexão sobre” experiências, ideias, teorias e conceitos na criação de um espaço de conhecimento implicado. Para produzir essa vivência como conhecimento foi necessária muita pesquisa e trabalho coletivo. As estratégias assumidas - tanto em termos práticos-didáticos quando teóricos - talvez possam nos ajudar a pensar não apenas a interface entre gênero, filosofia e educação, mas, sobretudo, como os afetos, o corpo e o

erotismo se cruzam no espaço político que é à sala de aula, com implicações para a própria democracia.

Rita de Cássia Fraga Machado (UEA)

Título: Ana Maria Priavesi: pioneira da agroecologia no Brasil

Resumo: O presente resumo apresenta a relação da Dra. Ana Maria Primavesi com a Agroecologia através de suas pesquisas sobre o solo, principalmente em relação ao manejo ecológico do mesmo. Sendo uma das poucas mulheres de sua época no campo das Ciências Agrárias, é a cientista responsável por vários avanços na Agroecologia, Primavesi é autora de diversas obras sobre o estudo do solo, entre elas o livro *Manejo Ecológico do Solo*, considerado até hoje um grande marco para a Agroecologia no Brasil e no mundo. Pioneira na compreensão do solo como um ser vivo, ela explica que um “solo doente = plantas doentes = homem doente” (PRIMAVESI, 2009), sendo que o principal contribuinte para o solo doente é a exploração praticada pelo agronegócio, que empobrece e danifica a terra. Baseando-se nesse problema, Primavesi realizou estudos voltados para o manejo ecológico do solo, onde de forma simples ela buscava passar conhecimento para aqueles que não eram da área, mas que tinham interesse por agricultura, entendessem a importância que o solo sadio tem para a nossa saúde e a ameaça que o agronegócio é para a terra.

Valéria Cristina Lopes Wilke (UNIRIO)

Título: Formação e atuação profissional de filósofos e filósofas graduadas e pós-graduadas no Brasil

Resumo: Empiricamente é perceptível que a filosofia realizada no Brasil é notadamente masculina devido à presença majoritária de homens na formação e no mercado de trabalho. Há pouquíssimas pesquisas sobre esta situação e este fato muito se deve à dificuldade de coletar e cruzar os dados. Em 2018, a Fundação Cesgranrio publicou o Relatório Técnico Evidências do ENADE e de outras fontes – mudanças no perfil do filósofo graduado. Para a elaboração deste relatório foram utilizados dados do INEP, da CAPES, do IBGE e do perfil sócio-econômico dos concluintes do ENADE (2004 a 2014). Ele tornou visível a evolução na oferta das graduações em Filosofia, de 2000 a 2016, a partir do quantitativo de cursos oferecidos nas IES, consideradas diferentes categorias, e ainda a evolução da presença dos sexos. Informou sobre a atuação profissional dos egressos e sobre o rendimento médio por grupos de ocupação e sexo. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns destes dados e analisá-los a partir do olhar da relação filosofia e gênero, a fim de contribuir para o entendimento de como se encontra a presença feminina na filosofia profissional realizada no Brasil, no que tange a formação e a atuação profissional.

MESA – Cuidado

(Sala 10 – 9:00 – 9:55)

Coordenador: Manoel Coracy Sabóia Dias (UFAC-USP)

Veronica Calado (UFPR)

Título: Sobre a importância da transversalidade de gênero no debate feminista contemporâneo

Resumo: O primeiro tratado versando sobre necessidade de cooperação internacional para a defesa dos direitos humanos independentemente de raça, sexo, língua ou religião, foi a Carta das Nações Unidas (1945). A partir de então outros documentos, tais como a Convenção Interamericana sobre a concessão dos direitos civis à mulher (1948), Convenção sobre os direitos políticos (1953), Convenção para eliminar todas as formas de discriminação contra a mulher (1979), foram firmados. No Brasil, a questão da desigualdade de gênero voltou a ser debatida, na esteira do processo de redemocratização, a partir da década de 1980. Não obstante, a agenda política nacional persiste na defesa da superação da desigualdade sob o viés individual, ignorando sua interface com outras questões, tais como: pobreza, raça e deficiência. Negligenciam-se também aspectos importantes ao debate, tais como: a desnaturalização e a dimensão identitária do corpo e a ética feminista da negação do dever de cuidado. Observar a mulher para além dos limites impostos pela divisão social do trabalho pode auxiliar no processo de efetivação dos direitos e garantias fundamentais que nos são assegurados por lei, mas negados pelos costumes.

Mateus Gustavo Coelho (UFSC)

Título: Gênero, emoções, afetos e cuidados: novos desafios para o campo da filosofia.

Resumo: Este trabalho pretende traçar uma relação entre a recente abertura acadêmica da Filosofia para os estudos feministas no Brasil e de como estes, em grande parte, têm sido responsáveis por colocar novos desafios ao ato de filosofar a partir das possibilidades trazidas pela discussão das interações entre a categoria gênero, com os estudos de afetos, emoções e cuidado. Ao trazer os afetos e emoções, ligados ao gênero, para a discussão nas Ciências Humanas e na Filosofia, os estudos feministas buscam estabelecer relações com partes da vida humana que durante séculos foram deixadas de lado no pensamento filosófico. Temas como a relevância das emoções, o cuidado com o outro e os afetos cada vez mais se fazem presente dentro dos espaços de debate. Os estudos feministas não apenas ampliaram as temáticas possíveis dentro da academia, como também propiciaram diferentes possibilidades de escrita ao dar ênfase as subjetividades. Partindo de uma análise bibliográfica de autoras que pesquisam o cuidado e o papel dos afetos e emoções, defendemos aqui que os estudos feministas ao trazerem estes temas como categorias de análise trazem consigo o próprio ato de espantar-se e de afetar-se com o mundo.

MESA – Mitologias

(Sala 119 – 9:00 – 10:50)

Coordenadora: Magda Guadalupe dos Santos (PUC-MG)

Michele Teixeira Bonote (UFABC)

Título: O mergulho da Medusa

Resumo: Medusa é o monstro com cabelo de cobras e olhar mortal. Sua história não é sua própria, mas a história de Perseu, herói colonizador, que representa o assassinato daquilo que causa medo, do diferente. Esquece-se, no entanto, de narrar por que Medusa é um monstro. A Górgona, sacerdotisa de Atena, deveria sempre ser pura. Muito bela que era, acabou se tornando objeto de obsessão de Poseidon, que acaba a estuprando dentro do templo de Atena. Furiosa, a Deusa a amaldiçoa. Medusa, que foi violentada e amaldiçoada é também decapitada e utilizada como arma de guerra. Partindo de interpretações feministas do mito da Medusa pretende-se, neste texto, reafirmá-la como um símbolo de resistência. É a recusa de encarar o outro e o desejo de aniquilar o outro em que se constrói uma concepção de sujeito que é confrontada pelas críticas feministas. Judith Butler nos ajuda a entender, a partir de uma concepção de luto politizado, como estamos inevitavelmente presos ao outro, como necessitamos do outro para nossa própria existência formal, uma ideia que desafia a noção de nós mesmos como seres autônomos e em controle. Dessa forma, o poder de petrificação de Medusa é em nossa interpretação o poder de contestação e de abertura radical a diferença que Medusa subverte e brinca.

Thana Mara de Souza (UFES)

Título: A recusa em ser Antígona: Beauvoir e a fuga de seus fantasmas idealistas

Resumo: Pretendemos mostrar que a crítica de Beauvoir a Antígona, no texto Idealismo moral e realismo político, pode ser considerada uma autocrítica, dado que a filósofa se coloca, em O segundo sexo, como alguém que se encontra “entre” o feminino e o masculino em suas caricaturas), tal como Antígona, que, por conta da tragédia familiar, acompanha seu pai/irmão no caminho do exílio e adota atitudes identificadas como sendo de homens. No entanto, Beauvoir não deseja identificar-se com a heroína da tragédia grega. Pelo contrário: mostraremos que, para a filósofa, Antígona acaba por identificar-se a Creonte na escolha pelos opostos e se fixa em um discurso solipsista, que se pretende absoluto por ser respeito às leis divinas. No lugar disso, Beauvoir indica a importância de uma luta política e coletiva que busque modificações concretas da situação das mulheres. Tentando não tornar-se Antígona, sem ser Creonte (a “solução” não é hegeliana), Beauvoir enfatiza, teoricamente e em suas ações, a necessidade de abordar a perspectiva política - ou adotar uma moral realista - e

engajar-se em ações coletivas, como quando se aliou à luta pela liberação do aborto, no final dos anos 60 e início dos anos 70.

Veronica Oliveira D'Azevedo (UNIFESP)

Título: O Mito das Mulheres Guerreiras: Uma Análise Filosófico-Feminista

Resumo: Na presente pesquisa abordaremos a representação mitológica do amor entre Penthesilea e Aquiles, buscando entender como se constitui a construção do amor feminino e masculino no respectivo mito em dois tempos: Antigo e Moderno. Antigo, a partir da Leitura da Obra Posthomérica de Quinto de Esmirna (Séc. III-IV d.C.) e moderno, com a análise da peça Penthesilea (1808) de Heinrich von Kleist. Para explicitar o conflito de gênero na relação de amor entre a Rainha das Amazonas e o Herói Grego, colocaremos em foco a análise da imagem da mulher guerreira, que será feita tomando por referência teórica principal a filosofia de Simone de Beauvoir a partir da célebre obra O Segundo Sexo (1949). Para compreender como se estrutura o mito e o seu discurso utilizaremos a base teórica da Semiologia expressa na obra Mitologias (1950) de Roland Barthes. Desta forma, pretendemos mostrar como se apresenta o discurso marxista e patriarcal no Mito através da representação das Amazonas e sua relação com a figura heroica da tradição grega.

MESA – Young/lar/identidade

(Sala 113 – 9:00 – 10:50)

Coordenadora: Lis Macêdo de Barros (USP)

Carolina Bernardini Antoniazzi (USP)

Título: Iris Young – subjetividade e opressão de gênero a partir do corpo gestante

Resumo: A pesquisa tem como objetivo investigar o lugar no mundo do sujeito gestante como paradigmático para desvelar aspectos da experiência subjetiva, além de determinadas opressões. Paradigmático pois irrompe fronteiras, nuances e abre espaço para camadas diversas de experiência ao abarcar e esfacelar categorias, bem como ao colocar em xeque o papel social e político da mulher. A obra de Iris Young, pelo viés do estudo fenomenológico do corpo próprio, descreve a experiência vivida desse sujeito, ao mesmo tempo em que lança um olhar social para esta posição que abarca não somente o momento da gravidez, mas também o modo como se estruturam as sociedades e os saberes em torno deste fenômeno. Por um lado, a fenomenologia do sujeito gestante descreve aspectos da corporalidade, tais como as fronteiras entre o interior e o

exterior, a imanência e a transcendência, revelando que estes são menos precisos do que se poderia imaginar inicialmente. Por outro lado, Young se propõe um engajamento crítico por meio do estudo da corporalidade gestante, tal como esta interage com o mundo a sua volta, e pelo desvelamento de estruturas que possibilitam opressões e relações de poder entre grupos determinados socialmente.

Isabel Cristina Soares Tebaldi Gomes (UFRJ)

Título: Maternidade e Desemprego, como o Estado perpetua problemas de gênero?

Resumo: Este artigo tem como finalidade a discussão da temática da maternidade e desemprego após a Reforma Trabalhista, sob o ponto de vista legal e filosófico. Com o advento da Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, tivemos importantes alterações legais que mudaram o rumo dos direitos trabalhistas no Brasil. As mulheres ainda são as mais afetadas, especialmente as que são mãe, uma vez que contam com maiores dificuldades de conciliar filho e trabalho, acabam sendo maiores vítimas do desemprego e do sub-emprego. Com isto, nosso trabalho visa retratar uma polêmica questão de gênero vivenciada por mães que hoje se encontram em situação de vulnerabilidade no Brasil, expressando a conjunturas deste problema e procurando entender no contexto em que elas se instalam.

Luana Goulart de Castro Alves (Albert-Ludwigs-Universität Freiburg)

Título: A ambivalência da noção de lar e o feminismo de Marion Young

Resumo: A noção de lar foi duramente criticada por pensadoras como Teresa Lauretis e Bonnie Honig por representarem um enorme privilégio social nas sociedades contemporâneas. A própria Simone de Beauvoir, em sua obra "O segundo sexo" já descreve de forma singular como o trabalho doméstico confina e submete as mulheres a um modelo opressor. No seu texto "House and Home Feminist Variations on a Theme", Iris Marion Young parece, no entanto, tomar uma direção contrária a das pensadoras acima. Usando conceitos de Heidegger e levando em consideração as críticas feitas pelas autoras acima, Young põe uma ênfase transformadora nos elementos positivos de "lar", abrindo espaço para questionarmos a ambivalência de noções e ideias que são constituidoras de sentido e significado para o feminino. Por meio da apresentação de algumas das perspectivas mais centrais do texto de Young, buscarei trazer para a discussão como é possível, e quiçá imprescindível, reivindicar e lutar pela transformação dos significados na formação da identidade do feminino, enquanto participante política de uma sociedade democrática estruturada e contaminada em seu cerne por um sistema patriarcal que restringe a nossa liberdade.

MESA – Butler I

(Sala 111 – 9:30 – 10:50)

Coordenadora: Adriana Delbó (UFG)

Jade Bueno Arbo (UFPEL)

Título: Feminismo e pós-estruturalismo: a crítica ao sujeito do feminismo a partir de Judith Butler

Resumo: Judith Butler propõe em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2016) uma radicalização da crítica feminista “que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente” (p. 24). Para isso, Butler lança mão das teorias feministas, gays e lésbicas sobre o gênero em convergência com a teoria pós-estruturalista. A partir desse arcabouço teórico, Butler questiona o pensamento fundacional do feminismo com base nos pressupostos assumidos pelo pós-estruturalismo sobre os sujeitos, sobre linguagem, conhecimento e poder. Considerando que o sujeito do feminismo, a “mulher”, se estabeleceu como a pedra angular desse movimento, sua fundação, procura-se aqui compreender a crítica de Judith Butler e suas implicações tanto para o pensamento fundacional feminista quanto para a ação e teorização feminista em geral. A partir da investigação de como paradigmas pós-estruturalistas consistem em chaves de leitura para a crítica de Butler, buscar-se-á aqui tornar tanto mais claras suas críticas e propostas quanto os desdobramentos de um tratamento pós-estruturalista do sujeito fundacional do feminismo.

Carla Rodrigues (UFRJ)

Título: "Condição de": o enquadramento como filosofia

Resumo: Embora notadamente influenciada pela recepção francesa da filosofia de Hegel, tema de sua pesquisa de doutorado, é também notório que pelo menos a partir de “Antogona’s Claim” a obra de Butler assume uma perspectiva pós-hegeliana. Nesse trabalho, pretendo argumentar que Butler, ao se valer da teoria do enquadramento, do sociólogo E. Goffman, para mobilizar distinções entre condição de reconhecimento/reconhecimento e condição de precariedade/precariedade, está fazendo funcionar uma filosofia transcendental, aqui entendida como método de pensamento que pretende estabelecer as condições de possibilidade do conhecimento. Na filosofia de Butler, a proposição da filosofia transcendental se desloca para uma função política, permitindo a crítica da condição de (im)possibilidade do reconhecimento e chamando a atenção para a condição de possibilidade da precariedade como condição de todo vivente.

Manoela Abrahão Caldas Pinto (UFRJ)

Título: Espectros do corpo cartesiano a partir de Judith Butler

Resumo: Para Butler, a tentativa de estabelecer uma ontologia pura do corpo, de descrever o corpo que excede a linguagem, constitui uma alegoria do quiasma próprio à

relação entre corpo e linguagem, ao passo que a pureza ontológica do corpo é contaminada, pois sua descrição é sempre feita pela linguagem. De maneira inversa, as teorias que se empenham em negar as implicações da linguagem no corpo, negando o próprio corpo, não cessam de mostrar que o exercício da linguagem se dá somente através do corpo, que aparece como espectro. Esta última operação é analisada por Butler através de uma releitura das Meditações Metafísicas de Descartes, cuja formulação racionalista, **que postula a materialidade do corpo** e sua separação radical da alma, não cessa de reafirmar o corpo como condição de sua própria escrita. As considerações de Butler abrem caminho para pensarmos a relação entre corpo e linguagem, mas também para repensarmos a noção cartesiana de corpo e sua separação da alma a partir da sua relação com a linguagem: este é o objetivo do presente trabalho.

MESA – Butler II

(Sala 111 – 14:00 – 15:20)

Coordenador: Victor Frolich (USP)

João Marcelo de Oliveira Cezar (UNESP)

Título: Interface entre os conceitos foucaultianos: sexualidade/gênero e os conceitos de agência e performatividade de Judith Butler.

Resumo: O trabalho em questão visa identificar relações entre conceitos foucaultianos, buscando compreender a legitimação de determinados discursos e regimes de poder, que regulam corpos, gênero, sexualidade e também as subjetividades - com a Teoria Queer, que de certa forma surge como uma resposta à essa ordem regulatória (PELÚCIO 2014, p. 28). Assim como Foucault já havia problematizado o corpo, a sexualidade e o gênero como dispositivos históricos, inseridos em uma rede de micro poderes que atravessa a toda a estrutura social controlando as práticas de si - processos de subjetivação -, Judith Butler (2003, p.139) irá afirmar que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas apenas produzidos como efeitos de verdade de um discurso de identidade primária e estável, assim como a sexualidade e o próprio sexo. Portanto, Butler aponta que essas categorias são performativas, existindo modos de construir a nossa própria identidade, por meio nossa posição de agentes, questionando as condições de construção do sujeito, e reposicionando-o dentro das matrizes do poder.

Juliana Ortegosa Aggio (UFBA)

Título: Liberdade, sexualidade, subjetividade: Foucault e Butler

Resumo: O objetivo desta apresentação é abordar duas hipóteses em diálogo com Foucault e Butler, a saber: (i) a hipótese da sexualidade como prática da liberdade, e, (ii) a hipótese da constituição do sujeito como um jogo agonístico entre liberdade e poder. Quanto à primeira hipótese, veremos que, segundo Foucault, se a relação sexual é sempre uma relação de poder, então há espaço para o exercício da liberdade, visto que a liberdade é a contraparte ou o contrapeso do poder, e a sexualidade poderá ser vivida como um jogo aberto entre sujeitos livres. Quanto à segunda hipótese, veremos que, para Foucault, o indivíduo se torna sujeito ao ter sua subjetividade sujeitada pelo poder, por um lado, e, por

outro, ao resistir à investida do poder exercendo a liberdade de produzir novas subjetividades. Neste momento, Butler entrará em cena com sua interpretação do sujeito foucaultiano como um lugar de ressignificação e com suas duas estratégias para resistir à submissão da subjetividade: (i) subverter e ressignificar, portanto desconstruir na fala e no corpo as práticas opressivas, e, (ii) viver a identidade, portanto a subjetividade como efeito de atos performativos, i.e., atos de significação.

Luana Alves dos Santos (USP)

Título: Diadorim: uma leitura sobre as implicações entre gênero e alteridade no Grande sertão: veredas

Resumo: Num primeiro plano, partindo do fato de que Diadorim é uma subjetividade atravessada pelo olhar do outro, é preciso indagar em que medida a revelação de seu corpo-de-mulher contribui (na maneira pela qual Riobaldo-narrador tece os fios do passado) para o acorde entre feminino e alteridade. Trata-se, portanto, de investigar o ajuste firmado, no romance de Rosa, entre o feminino e a condição de “Outro absoluto” que lhe é atribuída e sobre a qual discorre Simone de Beauvoir. Num segundo plano, para além do exame sobre o que o romance fala (seus ajustes e pactos), é preciso deslindar o que o romance dissimula. Ou seja, mais do que capturar Diadorim em uma identidade de gênero, ainda que provisória (visto que Diadorim parece não performar os padrões de masculinidade impostos por seus pares e daí receber o epíteto de “o delicado”; tampouco Diadorim “torna-se mulher”, mas é, discursivamente, “tornada” mulher, no advento de sua morte), pretendemos demonstrar que o que o romance dissimula é o escândalo (manifesto já no nome “Diadorim”) da “desorganização das regras que governam sexo/gênero/desejo” (Butler).

Simony Silva Campello (USP)

Título: Corpos, identidades e os problemas de gênero

Resumo: Em se tratando das questões de gênero, alguns objetos de análise nos parecem fundamentais: as relações médico jurídica, sociais e políticas. Daí, parece perfeitamente possível suscitar a pergunta levantada por Sojourner Truth na convenção pelos direitos das mulheres em Akron, Ohio em 1851: E não sou eu uma mulher? O objetivo é pensar como as determinações de gêneros, podem e são palco de luta emancipatória, mas também podem trazer à tona formas de exclusão de outros corpos e identidades. É este o problema que Butler traz na introdução de Problemas de Gênero. Nosso objetivo é explorar a questão das identidades e sua materialidade política e social para emancipação dos corpos, investigando a determinação do tornar-se mulher no Segundo sexo, de Beauvoir, atravessando o discurso de Truth, para pensar como peso das determinações de gênero podem levar a exclusão conforme aponta Butler, analisando também as críticas recebidas pela autora, de limitação prática e política de sua obra, em Debates feministas – Um intercâmbio filosófico e de não analisar as identidades por recortes de classe e cor, crítica feita por Precido na obra Manifesto Contressexual.

MESA – Beauvoir

(Sala 14 – 14:00 – 15:20)

Coordenadora: Melissa Tami Otsuka (USP)

Bruna Mello Gomes Bernardes (UNICAMP)

Título: O Existencialismo em Beauvoir: o “tornar-se” mulher como ponto de partida para a análise da condição feminina

Resumo: Esta pesquisa tem como intuito investigar a compreensão que Simone de Beauvoir fornece sobre a condição da mulher em *O Segundo Sexo*, sob uma perspectiva existencialista. Inicialmente, pretende-se analisar a reflexão feminista beauvoiriana proposta na Introdução e no capítulo Os dados da biologia, evidenciando a dimensão crítica da alteridade entre a mulher e o homem e os conceitos subjacentes, com ênfase nas implicações biológicas apresentadas por Beauvoir. O objetivo da primeira parte da pesquisa consiste em entender quais são os pressupostos biológicos apresentados por Beauvoir, e como eles implicam a relação existente entre os sexos. Em seguida pretende-se investigar em que medida a consequente desigualdade entre os sexos é proposta por ela como resultado de uma condição e de uma construção estabelecida pela sociedade. O objetivo da segunda parte da pesquisa é examinar o capítulo intitulado A situação e o caráter da mulher para perguntar em que medida a desigualdade entre os sexos é determinada por uma “condição” e por uma construção social. Por fim, pretende-se compreender por que Beauvoir entende a sociedade como patriarcal e, tendo isso como base, como entender o “tornar-se” mulher a partir da situação e do destino que lhe foram socialmente impostos.

Izilda Cristina Johanson (UNIFESP)

Título: Beauvoir filósofa

Resumo: Quem frequenta discussões e debates dedicados à filosofia de Simone de Beauvoir sabe que não é incomum surgir em algum momento a inevitável questão sobre essa grande pensadora do século XX ter-se considerado principalmente escritora, mas não filósofa. Nossa proposta é de enfrentar essa questão, que não nos parece periférica, diretamente, isto é, como uma questão ou problema filosófico. Num dos seus mais recentes escritos, Margaret Simons nos apresenta a possibilidade de, ao escrever suas memórias, Beauvoir ter aberto mão da defesa de uma filosofia (a sua própria) em favor do engajamento político, incluindo o mais propriamente feminista. A pergunta que decorre dessa hipótese não poderia ser outra: por que o engajamento (político) feminista de Beauvoir seria incompatível com a afirmação de uma filosofia sua própria? Pensamos, de nosso lado, que não só não seria incompatível como poderia ser ainda necessário. O que não significa que não consideremos a possibilidade de se encontrar obstáculos de caráter estrutural nos fundamentos dessa negação beauvoiriana. Para sustentarmos essa compreensão, lançaremos mão da interpretação de Michèle Le Doeuff e seu conceito de imaginário filosófico.

Karla Cristhina Soares Sousa (UFBA)**Título:** Fenomenologia e Existencialismo em Simone de Beauvoir

Resumo: A presente proposta tem como objetivo analisar a relação existente entre fenomenologia e existencialismo nas discussões beauvoiriana. Dessa forma, apresentaremos a compreensão da fenomenologia existencial em Simone de Beauvoir, estruturada em sua obra *O Segundo Sexo* – uma reflexão sobre a condição feminina e suas possibilidades concretas de transcendência. A fenomenologia influenciou as discussões do existencialismo francês, ocasionando leituras revisionistas por parte dos principais nomes do movimento francês, como Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. A partir das traduções francesas de Husserl por Emmanuel Levinas, surge o que chamaremos de uma fenomenologia existencial francesa, que foi suporte teórico de relevante importância para filosofia contemporânea até a sua crise com o surgimento do estruturalismo. Simone de Beauvoir ao analisar as vivências concretas das mulheres, utiliza-se da fenomenologia existencial para compreender as possibilidades de realização do ser humano na condição feminina. Dessa forma, dividimos este trabalho da seguinte maneira: 1) o que é a fenomenologia? ; 2) a influência da fenomenologia na filosofia da França pós guerra; 3) Beauvoir: fenomenologia e existencialismo.

MESA – História da Filosofia

(Sala 119 – 14:00 – 15:40)

Coordenador: Mario Marino (USP)

Camila Kulkamp (UFSC)**Título:** Christine de Pizan: mais uma dramaturga ultrapassada?

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a obra de Pizan, especificamente *A cidade das damas* (1405), através de dois olhares. O primeiro olhar é como um contraponto importante ao projeto literário e político de degradação social das mulheres na Idade Média, descrito por Silvia Federici, em *Calibã e a Bruxa* (2017). O segundo olhar é através de uma relação entre a literatura de Pizan e a filosofia política de Hannah Arendt e com a ideia da política fundada na natalidade. A partir de uma perspectiva arendtiana, entendo que Pizan nos convida a pensar no uso estratégico das identidades das mulheres, nos instiga a criar espaços comuns entre mulheres, e por fim, nos ajuda a pensar na castidade com um sentido positivo, algo como um princípio da vida e da espiritualidade. Em conclusão, entendo que relacionar as três autoras (Pizan, Federici e Arendt) permite o entendimento da profundidade do projeto político criado por Pizan; possibilita a compreensão de como as mulheres resistiram no contexto literário e filosófico abordado por Federici; e, também auxilia para uma leitura feminista da filosofia política de Arendt através da literatura de Pizan.

Clêmie Ferreira Blaud (USP)

Título: A memória de outras mulheres em Marie de Gournay e Simone de Beauvoir

Resumo: Encontra-se em alguns textos, escritos por pensadoras que defendem a causa das mulheres, a menção ao nome de outras mulheres, cuja vida ou a obra participa da história da filosofia. Esta prática serve a dois propósitos principais que em geral estão interligados: i. exemplificar o que está sendo discutido no texto com a ação ou pensamento de outra mulher, já que o texto defende a causa das mulheres; ii. resgatar a memória das mulheres que participam como personagens ou autoras da história da filosofia. Todavia, o modo como cada autora mobiliza os nomes de outras mulheres em seu texto filosófico é diverso, conforme se pode notar em Marie de Gournay e Simone de Beauvoir. Em *Igualdade entre homens e mulheres*, 1622, Gournay mobiliza personagens da mitologia, da história e da religião para argumentar contra a ideia de superioridade do homem sobre a mulher. Beauvoir, em *O segundo sexo*, 1948, faz um longo memorial de personagens e acrescenta autoras que deixaram textos em defesa da causa das mulheres. Importa neste breve estudo jogar luz sobre este nas duas filósofas, observando como os objetivos de cada texto se articulam ao reconhecimento do nome de outras mulheres na história da filosofia.

Rafael Teruel Coelho (USP)

Título: Elisabeth e Descartes: cartas sobre a união e a interação substanciais

Resumo: A tradição filosófica possui uma peculiaridade sobre a qual os historiadores da filosofia estão de pleno acordo: trata-se de considerar o homem (e não a mulher) como o protagonista na produção de ideias filosóficas. Tal afirmação é claramente corroborada pelos textos consagrados pela tradição: os pré-socráticos, redigidos por homens como Tales, Heráclito, Pitágoras, Parmênides, dentre outros; os platônicos (centralizados na figura masculina, como a de Sócrates, Trasímaco, Górgias etc); os aristotélicos (dentre os quais a *Metafísica* faz o inventário dos homens filósofos); os patrísticos, cujo próprio nome indica o forte predomínio de homens no fazer filosófico. Todavia, na primeira metade do século XVII, há evidências textuais inequívocas que provam a efetiva participação feminina na discussão de temas metafísicos. Tal se evidencia, por exemplo, na correspondência de Descartes com Elisabeth da Boêmia. Nosso foco será as três primeiras cartas de Elisabeth, nas quais ela discute com o filósofo a viabilidade das teses cartesianas da união e interação substanciais. A partir dessa correspondência, pretendemos lançar luz à mulher filósofa que, desde o século XVII, se impunha com originalidade e força no horizonte filosófico do chamado “grande racionalismo”.

Tessa Moura Lacerda (USP)

Título: A "questão feminina" e uma questão feminista: identidade

Resumo: Trata-se de pensar como uma questão tradicional na História da Filosofia ocidental reaparece como problema nos estudos de gênero: a identidade. A maneira como a Filosofia constituiu, desde Descartes, o sujeito e a identidade do sujeito implica a exclusão de outros sujeitos possíveis, que passam a ser desumanizados e considerados como o "Outro". Para pensar essa relação entre um sujeito e muitos outros excluídos desse lugar recuperamos algumas reflexões de M. Foucault, J. Butler, A. Mbembe, Paul Preciado e Denise Ferreira da Silva.

MESA – Educação II

(Sala 10 - 14:00 - 15:40)

Coordenadora: Rita de Cássia Fraga Machado (UEA)

Ezequiel Tavares Felipe (Faculdade SESI Educação – SP)

Título: Crítica ao neoliberalismo e suas influências nos processos de ensino e aprendizagem.

Resumo: A presente contribuição procura evidenciar uma cultura escolar predominantemente hegemônica de acordo com pensadores como bell hooks, Boaventura Santos, Aníbal Quijano e entre outros. Evidencia-se assim uma colonialidade, como nomeou Quijano, nos processos de construção da subjetividade. Esta colonialidade carrega consigo um caráter eurocêntrico, moderno e capitalista que irá se difundir por uma predominância dos valores burgueses dentro do espaço de ensino e aprendizagem. A partir dessa perspectiva podemos traçar causas e consequências dessa produção subjetiva inserida no contexto neoliberal atual. Não caberá esmiuçar a formação docente e sim ampliar numa perspectiva histórico-social os panoramas políticos e econômicos que permeiam a realidade da educação no Brasil.

Flávio José de Carvalho (UFMG)

Título: Questões de gênero e educação para a diversidade – autonomia e emancipação na filosofia de Kant

Resumo: O Brasil é um dos países onde mais se cometem crimes contra a comunidade LGBTQI+, regularmente, vinculados ao fundamentalismo religioso e às discriminações étnica e social. Compreendemos que a partir de Kant podemos construir um discurso de respeito e inclusão à diferença e à diversidade de gêneros a partir das obras: Fundamentação da Metafísica dos Costumes, A resposta à pergunta o que é o esclarecimento, Sobre a Pedagogia. Discutindo

ainda com Paul Guyer, Michel Foucault e Judith Butler realizaremos três movimentos: 1. a partir do território epistêmico das questões de gênero criticar a relação entre sexualidade biológica e identidade de gênero; 2. investigar nos escritos kantianos a construção da liberdade e da autonomia do sujeito; 3. Discutir o projeto da emancipação do sujeito a partir do efetivo momento histórico, construindo uma ontologia do presente (cf. Foucault, O que são as Luzes?). Trata-se de um projeto de auto-realização do sujeito, que passa pelos movimentos de não-reconhecimento e pelo auto-reconhecimento (cf. Butler, Relatar a si mesmo). No limite, se trata de um projeto de educação para a emancipação, como exercício de autonomia (cf. Kant Sobre a Pedagogia).

Maria Helena Silva Soares (UERJ)

Título: Elogio à razão: uma análise feminista sobre a ciência hoje.

Resumo: Diante dos recentes ataques que têm sofrido a academia, a ciência e, particularmente, os estudos feministas é urgente que nos voltemos, uma vez mais, sobre questões fundamentais para o conhecimento. Pensar a ciência, seus pressupostos e consequências, requer, primeiramente, uma posição de defesa contra um sistema que tenta reduzir todo o conhecimento científico à ordem da opinião por motivações de ordem econômica e ideológica. É urgente, em consequência, reforçar as bases que alicerçam os saberes, quais sejam as noções de razão, objetividade e poder, a fim de salvaguardar o status da episteme frente à pretensa hegemonia da doxa. Por isso, abordaremos tais noções a partir da epistemologia histórica, isto é, da análise histórica dos conceitos enquanto categorias, como proposto por Lorraine Daston. Trata-se de uma estratégia de defesa daquilo que constitui a própria atividade filosófica: a reflexão crítica. Lançar luz sobre tais noções, que serviram tanto para afastar quanto para defender a participação ativa de mulheres desde o início da ciência moderna, é também um ato de resistência contra a hegemonia da ignorância.

Mariane Alves Ferreira (Faculdade SESI Educação – SP)

Título: Panorama da epistemologia hegemônica colonial no Brasil

Resumo: Nosso trabalho procura estabelecer diálogos entre Quijano, de Epistemologias do Sul, o próprio Boaventura e a perspectiva de que há uma epistemologia hegemônica que entope as veias arteriais do sistema de ensino. De forma que hoje, acreditamos ser um dos fatores fundamentais a se combater para reestabelecer a forma de produção de conhecimento no Brasil, e quem sabe num contexto amplo de América Latina. Sendo assim importante refletir como a forma de pensamento sob o eixo de poder capitalista moderno e eurocêntrico impera na forma de se produzir conhecimento do lado de cá do oceano. Diante disso, a pesquisa procura nortear a ação desenfreada dos grilhões colonialistas desse eixo de poder e expandir o campo de reflexões sobre o combate do mesmo.

MESA – Iluminismo

(Sala 13 – 14:00 – 15:40)

Coordenadora: Maria das Graças de Souza (USP)

Danielle Bezerra de Moraes (USP/Universidade Grenoble Alpes)

Título: A matiz racionalista francesa no pensamento feminista brasileiro – instrumento de emancipação ou herança maldita?

Resumo: No atual contexto de disputas na arena político-ideológica da educação, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre as tensões que permeiam o debate que opõe um pensamento feminista cujo projeto emancipatório está completamente condicionado à aquisição de certos códigos da educação formal e um outro que flerta com um anti-intelectualismo em ascensão. Na contramão da crescente demanda por pensamentos alternativos e aberturas epistemológicas, a conjuntura política atual tem ensejado a volta de discursos que, para evitar a perda de direitos, têm ressuscitado fantasmas de uma ideologia do progresso nunca superada. A hipótese aqui adotada é de que tais usos remetem à persistência de um matiz racionalista francês, da qual o feminismo brasileiro é bastante tributário. O objetivo é de discutir em que medida essa matiz vem sendo, ao mesmo tempo, aliada e inimiga do pensamento feminista brasileiro, já que tem sido mobilizada, tanto para fundar a luta das mulheres por direitos, quanto para justificar a impermeabilidade do pensamento feminista a concepções emancipatórias alternativas.

Fabiana Tamizari (Universidade de Coimbra)

Título: "A Religiosa" e a liberdade feminina no pensamento de Diderot

Resumo: Em 1796 foi publicado pela primeira vez o romance *A Religiosa*, de Denis Diderot (1713-1784), nele o Diderot decidiu narrar em forma de romance a história de uma religiosa que teve o seu pedido de anulação dos votos negado. A obra se transformou em uma expressão do pensamento filosófico diderotiano, se destacando em primeiro plano o caráter anticlerical da obra -, não por acaso que Grimm, ao definir o romance, o chamou de “obra de utilidade geral e pública, a mais cruel sátira já feita contra os claustros”. Além da posição anticlerical do filósofo, a obra também aborda os efeitos provocados pelo isolamento do homem do convívio com os seus pares, desequilibrando sua estrutura psicofisiológica. Para Diderot, esses efeitos são maiores para o sexo feminino, considerado pelo filósofo mais frágil, como lemos nesta passagem do romance “[...] sou mulher, tenho o espírito frágil, como é próprio do meu sexo”. Ele também aproveita o romance para discutir as vocações forçadas e a situação das suas contemporâneas. Na visão do filósofo, as mulheres no seu tempo são subjugadas

e dominadas pelo universo masculino, tanto na vida clerical como em sua vida social.

Priscila Teixeira de Carvalho (UFRJ)

Título: Filosofia decolonialista para Educação Brasileira

Resumo: As problematizações feministas contemporâneas souberam beber das análises de Michel Foucault, Karl Marx, Jacques Derrida, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e outras tantas pensadoras que se debruçaram sobre as relações de poder que atravessam o saber, o desejo, o sujeito, as instituições, a subjetividade e as intersubjetividades de tal modo que se pode dizer que o escrutínio feminista se transformou em sofisticada ferramenta de análise sobre o real marcando inevitavelmente a História da Filosofia. Partindo desse tecido permeável de relações de poder foi possível iniciar no pensamento filosófico contemporâneo uma reflexão sobre as alianças entre dominação e exploração ainda que por diversas matrizes teóricas analíticas. Meu objetivo neste trabalho é destacar aspectos da relação entre gênero, raça e capitalismo de forma que possa, quiçá, ensaiar uma Filosofia da Práxis para Educação cuja solidez pare de escapar à materialidade da vida social, fixando-se em uma composição de pressupostos críticos materialistas, pós-estruturalistas e decolonialistas, sem pretender estabelecer qualquer congelamento ontológico ou sistêmico que impeça o fluxo das capilaridades do fazer filosófico.

Sarah Bonfim (UNICAMP)

Título: A emancipação através da razão: O projeto educacional de Mary Wollstonecraft

Resumo: Em 1792, Mary Wollstonecraft (1759-1797) lançou sua "Reivindicação dos Direitos da Mulher" (2016), cujo aspecto central está argumentar pela emancipação das mulheres através do cultivo do entendimento. Por meio de um quadro metafísico que estende a perfectibilidade às mulheres, Wollstonecraft delineia um quadro político e educacional que as integre no direito da humanidade de livre uso da razão. Nesta comunicação, eu pretendo traçar um panorama sobre o quadro metafísico e as implicações políticas correspondentes que visem o aprimoramento racional feminino e consequente emancipação da sujeição às figuras masculinas, através do cultivo e livre uso da razão.

OFICINAS E MESAS ESPECIAIS

OFICINAS

Quarta-feira (04/09/2019)

Oficina – Pensamento Feminista I

(Sala 14 - 11:00 - 12:30)

Ilze Zirbel (UFSC) – O Feminismo Lógico do Século XVII

No final da Idade Média eclodiu na Europa um amplo debate sobre a natureza e o papel social das mulheres. As discussões concentravam-se em torno de suas capacidades morais e intelectuais. Conhecido como a *querelle des femmes* (em francês) ou *a questão da mulher* (em inglês), o debate começou em torno de 1401 entre Christine de Pisan, Jean de Montreuil e um “amigo e clérigo notável”. Tanto na esfera erudita quanto popular, autores e autoras criticaram e elogiaram a natureza das mulheres, argumentando a favor ou contra sua capacidade de serem educadas ou de governar da mesma maneira que homens. O debate manifesta um exercício intelectual importante e profundo para aqueles e aquelas que nele se envolveram. A oficina pretende apresentar o pensamento de três filósofas e um filósofo do século XVII identificados pela filósofa francesa Elsa Dorlin como representantes de uma corrente particular nesse debate: o feminismo lógico. Marie de Gournay, Anna Maria Van Schurman, François Poulain de la Barre e Gabrielle Suchon, cada qual à sua maneira e em seu contexto particular, partiram da ideia de que provar a relatividade e artificialidade teórica do argumento da diferença sexual, que ancorava a discriminação das mulheres, evidenciaria uma igualdade básica demonstrada segundo razões indiscutíveis (DORLIN, 2000, p. 12).

Duas questões básicas ancoraram a reflexão das representantes desse feminismo lógico: “No que consiste uma educação voltada à dependência permanente e com apenas uma alternativa final: o casamento ou o claustro? Quem se beneficia de uma educação negativa de si mesma que antecipa arbitrariamente uma natureza feminina específica, impotente e inferior, mas produzindo efeitos reais?” (DORLIN, 2000, p. 13)

Em contraste aos discursos de juristas, filósofos, governantes e líderes religiosos que atribuíam a situação de inferioridade social das mulheres à sua natureza, essas/e filósofas/o denunciaram os mecanismos que produziam tal realidade. Apesar de seus argumentos terem evidenciado a igualdade moral e intelectual entre os sexos como uma verdade indiscutível e a sua afirmação contrária como um sofisma e um preconceito, seus traços (e os traços dessa discussão) foram largamente apagados.

Demonstrar logicamente a igualdade pode ser considerado um passo revolucionário para o período, mas este não foi o destino atribuído a esse fato.

Em tempos de questionamento público da igualdade de direitos entre homens e mulheres por parte do presidente do quinto maior país do mundo (tanto em área territorial quanto em população), percebemos a fragilidade de certas conquistas obtidas com muita luta ao longo da história. Revisitar a *querelle de femmes* e os argumentos do *feminismo lógico* do século XVII não apenas nos permite recuperar o trabalho dessas filósofas esquecidas como nos instrumentaliza para o debate público contemporâneo em torno desse tema.

Bibliografia Básica:

DORLIN, Elsa. *L'évidence de l'égalité des sexes. Une philosophie oubliée du XVIIe siècle*. Paris: L'Harmattan, 2000.

Bibliografia complementar:

BEEK, Pieta van. Site dedicada a Anna Maria van Schurman. Publicações, Cronologia etc. Disponível em: <<http://annamariavanschurman.org/>>

BURKE, Maria Lúcia Pallares. Pela liberdade das mulheres. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 10 de setembro de 1995, Suplemento Mais. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/10/mais!/3.html>>

CLARKE, Desmond. Anna Maria van Schurman and Women's Education. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vo.13, tomo 138, 2013, p. 347 à 360. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-philosophique-2013-3-page-347.htm#>>

CLARKE, Desmond. François Poulain de la Barre, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2014 Edition). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/francois-barre/>>.

CONLEY, John J. Marie Le Jars de Gournay (1565–1645). *Internet Encyclopedia of Philosophy - IEP*. Disponível em: <<https://www.iep.utm.edu/gournay/>>.

FRAISE, Genevieve. Poulain de la Barre, a logician of equality, times of prejudice and gender of the mind. *International, multidisciplinary symposium*, 11 -12 de Outubro, 2012, Ecole Normale Supérieure of Lyon / Lyon 3. Disponível em: <https://www.academia.edu/28999552/Poulain_de_la_Barre_a_logician_of_equality_times_of_prejudice_and_gender_of_the_mind>

DESNAIN, Véronique. *Gabrielle Suchon: a dangerous philosopher*. 2007. Disponível em: <<http://dangerouswomenproject.org/2017/01/20/4354/>>

MARTINEZ, Victoria: The Surprising 17th Century Origins of Radical Feminism. *Medium*, Disponível em: < <https://medium.com/@tvmartinez/the-surprising-17th-century-origins-of-radical-feminism-47106edd7433>>

MESQUITA, Cinelli Tardioli. A Queixa das Damas. *Revista Pasma*s. Disponível em: <<https://medium.com/pasmas/a-queixa-das-damas-7d285f5dc15>>

MESQUITA, Cinelli Tardioli. Marie de Gournay para além de sua amizade com Montaigne. Em: CASTRO, Susana de; CORREA, Adriano e SPARANO, Maria Cristina de Távora (org.). *Psicanálise e gênero*. São Paulo : ANPOF, 2017, p.128-136. (Coleção XVII

Encontro ANPOF). Disponível em: <<http://www.anpof.org/portal/images/psicanalise-e-genero.pdf>>

SABOURIN, Charlotte. Plaider l'égalité pour mieux la dépasser : Gabrielle Suchon et l'élévation des femmes. *Philosophiques*, vol. 44, n.2, 2017. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/philoso/2017-v44-n2-philoso03291/1042331ar.pdf>>

SCHMITTER, Amy M. Cartesian Prejudice: Gender, Education and Authority in Poulain de la Barre. Memorial conference for Annette Baier. Pittsburgh, e Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/37240588/Cartesian_Prejudice_Gender_Education_and_Authority_in_Poulain_de_la_Barre>

SEIDEL, Michael A. Poulain De La Barre's The Woman as Good as the Man. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 35, No. 3 (Jul. - Set., 1974), p. 499-508. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2708797.pdf?casa_token=93vYnQs6OOAAAAA:NjnFFDT76qnGXALlqiJ1bnVHSNV75a7TSWxQ4WldtJ9htwOPVrftdAri2jclZr-Vr4H4KSmJ9CaJm1LO0ktJW1I9OayLSWGSsaEfUDTURE1HPiXl>

SUCHON, Gabrielle. Textos. *Post-Reformation Digital Library*. Disponível em: <http://www.prdl.org/author_view.php?a_id=1154>

Oficina – Feminismo Decolonial

(Sala 14 - 16:00 - 17:30)

Susana de Castro Amaral Vieira (UFRJ)

Maria José Pereira Rocha (PUC-GO)

Priscila Teixeira de Carvalho (URFJ)

Ana Flávia Gerhardt (UFRJ)

A oficina fará a leitura de um “Manifesto Decolonial”, seguida da apresentação do documentário “Brasileiras” e da discussão do filme “A que horas ela volta”.

Oficina – Pensamento feminista II

(Sala 14 - 11:00 - 12:30)

Susana de Castro Amaral Vieira (UFRJ) – Descolonizando o feminismo brasileiro

Na década de 80 nos EUA as feministas negras mostraram que as pautas do feminismo branco padeciam da não inclusão da luta contra o racismo como tema central. O racismo não é uma violência somente contra as mulheres, é claro, mas em uma sociedade classista e patriarcal, as mulheres negras sofrem de tripla opressão, econômica, racial e de gênero. Em ex-colônias, como o Brasil e os países da América Latina, a questão racial adquire uma expressão mais complexa porque é um componente estruturador da formação do Estado. A independência nas ex-colônias, não significou a libertação do jugo colonial e a emancipação dos povos originários, mas sim a entronização da cultura e do modelo de sociedade europeia nas chamadas 'Américas'. Dentro deste contexto, o imaginário nacional foi colonizado pela 'crença' na superioridade do europeu frente aos povos originários. Essa crença esteve na base, por exemplo, das políticas públicas de estímulo ao 'aperfeiçoamento' da raça pela 'miscigenação' do início do século XX no Brasil.

No final da década de 1990, intelectuais latino-americanos, criaram o grupo Modernidade/Colonialidade com o intuito de radicalizar e atualizar a tradição de pensamento crítico, marxista, latino-americano. Através da chamada 'virada decolonial' (Ballestrinn, 2013), esses autores nos mostram o quanto o conceito marxista de opressão de classe não basta para descrever a experiência de poder e dominação nas ex-colônias, visto que nestas, antes da diferença de classe, entre proprietários e não proprietários, figura a diferença de 'raça', entre 'europeus' e 'não-europeus' (para os quais os conceitos econômico e político de propriedade e de 'indivíduo' inexistiam). De acordo com esse novo marco teórico do pensamento social latino-americano, 'raça' é um conceito forjado dentro do padrão colonial-moderno de poder como ferramenta conceitual de fundamentação e legitimação da relação de dominação entre europeus e não europeus (Quijano, 2005). Em sociedades não racialmente homogêneas, os Estados Nacionais reproduzem a 'diferença colonial', colonizado versus colonizador, em suas estruturas, através da assimilação de valores, padrões culturais e epistêmicos europeus. Por isso, não obstante o fim do colonialismo com a independência, somos social e culturalmente oprimidos pela 'colonialidade do poder'. Um povo não é livre se a sua expressão de identidade é oprimida. Se a cultura nacional estabelece, através dos mecanismos de transmissão de cultura, como escola, meios de comunicação e universidades, que o padrão europeu é universal, surge então a 'colonialidade do ser', a

impossibilidade intrínseca da constituição de identidades (Laclau e Mouffe, 1985; Fanon, 2010; Kilomba, 2010).

Nesta oficina trabalharemos com as consequências da virada decolonial para o feminismo brasileiro a partir de três temas-conceitos-eixos, (a) 'sistema colonial-moderno de gênero' de Maria Lugones (2008,<http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>), (b) 'la consciencia de la mestiza' de Gloria Anzaldúa (2005, <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a15v13n3.pdf>) e (c) 'máscara' de Grada Kilomba (2010,<http://www.bibliotecadocomum.org/files/original/636508eadda2eff648acf9cc039b8a01.pdf>).

Outros textos:

Castro, Susana de. "Condescendência: estratégia pater-colonial de poder". In: <https://ojs.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/viewFile/7863/4836>

------. "O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas". In: <https://ojs.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/viewFile/7863/4836>

Segato, Rita. "Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial". In: <https://journals.openedition.org/eces/1533>

Oficina – Estética e Política – Quando a esquerda encontra a estética?

(Sala 14 – 16:00 - 17:30)

Mediação: Carla Milani Damião (UFG-USP)

Débora Maria da Silva (Mães de Maio)

Fernanda Azevedo (Coletivo Comum)

Silvana de Souza Ramos (USP)

Mulheres em Movimento (ELT)

A Oficina trabalhará com depoimentos, intervenções artísticas e teóricas no sentido de discutir o difícil encontro entre a militância pelos direitos fundamentais que deveriam perpassar a vida democrática, a reflexão teórica e a criação estética. Contará com a presença de Débora Maria da Silva, militante do grupo "Mães de Maio", da atriz Fernanda Azevedo, e de outras atrizes integrantes do grupo "Mulheres em Movimento", da Escola Livre de Teatro de Santo André, e com a fala de Silvana de Souza Ramos (USP).

Oficina – Desigualdade de raça e gênero na universidade: experiências institucionais e coletivas

(Sala 14 - 11:00 - 12:30)

Mediação: Lea Tosold (USP)

Eva Blay (USP – Mulheres), Ana Emília da Luz Lobato (UFRJ), Mariana Ribeiro dos Santos (USP), Melissa Tami Otsuka (USP), Gabriela Macedo (USP), Yara Frateschi (UNICAMP), Silvana de Souza Nascimento (USP)

A oficina contará com representantes do USP Mulheres, da Rede Não Cala, do coletivo Vozes, de estudantes e professoras que conversarão sobre projetos institucionais e sobre ações de movimentos sociais no interior das universidades que têm por objetivo mapear desigualdades de gênero, raça e classe no âmbito acadêmico e de criar ações de combate referentes a essa questão e as suas consequências.

Oficina – Pensamento Feminista III

(Sala 14 - 16:00 - 17:30)

Carla Rodrigues (UFRJ) – Feminismos e abolicionismos

“A prisão é considerada algo tão ‘natural’ que é extremamente difícil imaginar a vida sem ela”, escreve Angela Davis em “Estarão as prisões obsoletas?” (DAVIS, 2018, p. 10). Com a pergunta que dá título ao livro, pretendo discutir a injunção entre as pautas feministas contra a violência contra a mulher e a urgência do debate sobre a naturalização não apenas a existência das prisões, mas de todo o aparato de segurança pública, que no caso brasileiro é imenso, está em expansão, tanto nas suas configurações estatais como nas para-estatais. O desafio que se coloca nessa oficina é o de buscar ferramentas conceituais para enfrentar o paradoxo que se apresenta à teoria feminista: como ser feminista e abolicionista ao mesmo tempo? Que teoria crítica nos fornece instrumentos para pensar a violência contra as mulheres e ao mesmo tempo condenar o encarceramento em massa no Brasil e, ainda, o racismo estrutural que se sobrepõe a esse encarceramento? Como a experiência colonial contribui para a marcação dos corpos como violáveis? Com esses objetivos em mente, a oficina será dividida em duas partes: na primeira, apresento problemas teóricos que venham a dar suporte e sustentação a um debate na segunda parte do encontro.

MESAS ESPECIAIS

Quarta-feira (04/09/2019)

Abertura Oficial do Encontro

(Sala

14 - 08:00 - 08:30)

Silvana de Souza Ramos (USP)

Janyne Sattler (UFSC)

As coordenadoras do GT de Filosofia e Gênero dão boas-vindas a todas, todos e todes participantes do evento.

MESA - #Niunamenos

(Sala 14 - 19:00)

Mediação: Silvana de Souza Ramos (USP)

Maria Pía Lopez (UBA)

Mariana Gainza (UBA)

Heloísa Buarque de Almeida (USP)

Trata-se de apresentar e de discutir a projeção dos movimentos feministas no Eixo Sul de modo a compreender suas implicações teóricas e políticas.

Quinta-feira (05/09/2019)

Plenária aberta do II Encontro do GT de Filosofia e Gênero da ANPOF

(Sala 14 - 19:00)

Coordenação: Marília Pisani (UFABC), Carla Rodrigues (UFRJ) e Léa Tosold (USP)

O GT Filosofia e Gênero da Anpof convida para a Assembleia geral a ser realizada no dia 5 de setembro de 2019, as 19 horas, no Departamento de Filosofia da USP. O sentido desta Assembleia é abrir um espaço horizontal e em tempo real para o encontro entre os/as/xs pesquisadores para pensar coletivamente estratégias de fortalecimento do

campo de estudos de Filosofia e Gênero no Brasil. Queremos fazer um mapeamento qualitativo sobre o que é esta área no Brasil e sobre quais são as suas especificidades. Mobilizamos, para isso, a ideia de uma *filosofia situada na qual as questões de gênero, de raça, de classe, de desigualdade, de corpo, de sexualidade, de violência e de resistência produzem uma rede de significantes que se interseccionam, afirmando-se como um campo de estudos filosófico*. Que filosofia é essa? Quais cruzamentos interdisciplinares ela produz? Quais as temáticas e subáreas afins? Como se relaciona com a História da Filosofia? Como se posiciona em termos epistemológicos, éticos, estéticos, etc.? Quem somos? Como estamos distribuidxs, por estados e por universidades? Tendo em vista os desafios do momento político atual e da dupla ameaça em *fazer filosofia e em fazer gênero*, pretendemos realizar um documento coletivo a partir do registro em tempo real visando: 1) estabelecer *alianças estratégicas* (Haraway) ou *alianças contingentes* (Butler) entre os grupos, os departamentos e os/as/xs pesquisadores do país; 2) a produção de um documento a ser traduzido e enviado a diferentes grupos e instituições internacionais para fortalecimento das redes de apoio. Para além dos imensos desafios que temos, queremos que esta Assembleia permita criar relacionalidade entre pesquisadores, criando uma narrativa de alianças. Além da Assembleia, será divulgado um link para um formulário a ser respondido pelxs/as/os pesquisadores para ampliar este mapeamento. Tanto o formulário quanto o documento serão anônimos, uma vez que temos consciência de que o momento exige cautela e que não podemos nos expor indevidamente. Além disso, o GT de Filosofia e Gênero também pretende fortalecer laços com pesquisadores de outras áreas, intelectuais públicos e pesquisadores independentes, visando ampliar ainda mais as alianças.

Formulário: <http://bit.ly/gtfilosofiaegenero>

Sexta-feira (06/09/2019)

Homenagem às professoras do Departamento de Filosofia da USP –

#elassim

(Sala 14 – 19:00)

Coordenação: Silvana de Souza Ramos (USP)

Exibição do curta-metragem “Exercícios do olhar - para falar de Gilda de Mello e Souza”, de Angélica Del Nery

Marilena de Souza Chaui (USP)
Otília Beatriz Fiori Arantes (USP)
Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola (USP)
Olgária Chain Feres Matos (USP)
Scarlett Zebertto Marton (USP)
Andréa Maria Altino de Campos Loparic (USP)
Maria das Graças de Souza (USP)
Tessa Moura Lacerda (USP)
Silvana de Souza Ramos (USP)

O evento terá como última atividade uma homenagem a todas as professoras do Departamento de Filosofia da USP, desde a sua fundação (Gilda de Mello e Souza, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Marilena de Souza Chaui, Otília Beatriz Fiori Arantes, Vera Lucia Felitio, Lygia Araújo Watanabe, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola, Olgária Chain Feres Matos, Scarlett Zebertto Marton, Andréa Maria Altino de Campos Loparic, Maria das Graças de Souza, Tessa Moura Lacerda e Silvana de Souza Ramos). Depois da Exibição do curta-metragem “Exercícios do olhar - para falar de Gilda de Mello e Souza”, de Angélica Del Nery, as professoras deste departamento, presentes no evento, farão depoimentos acerca de sua trajetória intelectual e acadêmica.

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – FFLCH/USP
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 – Cidade Universitária, São Paulo –SP
CEP 05508-010
FILOSOFIA.FFLCH.USP.BR

ORGANIZAÇÃO:



APOIO



FOMENTO

